STORAGE-ITEM
MAIN LIBRARY

LP9-R11F
U.B.C. LIBRARY

THE LIBRARY

THE UNIVERSITY OF
BRITISH COLUMBIA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of British Columbia Library

http://www.archive.org/details/peregrinaes00band

Ao Exmo Amigo
Eufrásio d'Oliveira
M.
os editores

PEREGRINAÇÕES

DO MESMO AUTOR:

Estudos e Ensaios — Rio de Janeiro. 1904.

Reformas — Rio de Janeiro. 1909.

IMPRENSA MODERNA — Rua da Rainha D. Amelia, 53-PORTO

SOUZA BANDEIRA

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

PEREGRINAÇÕES

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

RUA DAS CARMELITAS, 144

1910

88
MAR 12 1970
D 921
S68
1910

A MINHA MULHER

Luzia Mattos de Souza Bandeira

gentil companheira nas viajens cujas impressões aqui se recordam, e na jornada da vida que tanto me suaviza.

ESTE pequeno volume não é um livro de viajens.

Nada mais pretende além de exprimir alguns dos sentimentos e ideas sujeridos pela eterna fascinação da Europa sobre os seus longinquos descendentes, que para ella se voltam como a grande fonte de ideal necessaria para os salvar das vulgaridades da vida.

Rio de Janeiro, junho de 1909.

S. B.

As duas marjens do Sena

PARA um grande numero de estranjeiros, e até de parizienses, os limites de Pariz são faceis de estabelecer. Ao sul o cais que corre ao longo do Sena, ao oeste o Bois de Boulogne, ao norte as alturas de Montmartre até onde chegar o *cabaret* mais em voga, e a leste uma linha indeciza que vai do Louvre (*Magazins*, está entendido) até os ultimos teatros do Boulevard.

Esse largo perimetro contem a maior cidade do mundo e rezume toda a vida espiritual da França, da Europa, do universo inteiro. Aí lejisla-se soberanamente sobre o gosto, gasta-se, trocado em luizes, o dinheiro exportado de toda a parte do mundo, goza-se a bom gozar de tudo o que a vida possa ter de atraente, e adquirem-se, a custo de

somas consideraveis, molestias suficientes para entreter um homem durante todo o resto de sua vida. A capital deste reino encantado é o Café de la Paix. A lingua falada é o *argot* do *boulevard* entremeiado de frazes inglezas que os elegantes repetem a cada momento para se darem um ar ainda mais pariziense. O jornal oficial é o *Figaro*.

As impressões artisticas são varias e sublimes. O supremo ideal é reprezentado pelos figurinos de Paquin ou de Drecoll, muzeus da mais elevada estetica, onde passeiam os modelos, de plastica acabada, contorcendo os corpos em atitudes automaticas de bonecas de engonso para melhor avantajar as creações dos grandes artistas da tezoura e das *fanfreluches*.

Os joalheiros da *Rue de la Paix*, os Petronios dos clubs elegantes, as hetairas da moda que desfilam pelo Bois em carruajens luxuozas, completam a estetica deste mundo deliciozo.

No outro extremo desta gama da arte pariziense está o *Maitre d'Hotel* dos grandes restaurantes, supremo arbitro das elegancias culinarias, impecavel no seu rijido protocolo, de *menu* em punho, a servir uma *truite saumonnée* com a unção sacerdotal de uma ceremonia relijioza.

Quando um estranjeiro acaba de gastar as suas ultimas economias nesta grande cidade de prazer, levando mezes e anos inteiros, a correr do Paillard para o Bois, do Bois para o Vaudeville, do Vaudeville para o Café Anglais, torna esfalfado á patria, e emquanto trata de juntar dinheiro para

voltar, diz aos amigos com um ar superiormente melancolico «Oh! Pariz!...»

Seja dito de passajem que este conceito é alimentado por uma lejião de escritores que fazem as delicias dos refinados de aquem Atlantico. Tão profunda literatura começa pelos jornais prezumidos literarios, espalha-se nas obcenidades que as atrizes celebradas em cartões postais reprezentam nos teatros da moda explendidamente despidas em trajes que custam fortunas, e derrama-se pelo mundo inteiro em brochuras, a 3 francos e 50, com ilustrações sujestivas. Graças a esta intelijente propaganda, o estranjeiro que chega a Pariz vem convencido de que naquella encantada Babilonia, o vicio é a relijião dominante, não ha familia, não ha moral, e toda a vida se reduz a um constante fervilhar de prazer, ao compasso das orquestras de ciganos e ao estourar do *champagne* rozeo. Pois não afirmou Musset, com a sua autoridade de pariziense nato, que Pariz é a cidade mais fecunda em vicios? Os *rastas* que vão á grande capital tomar lições teoricas e praticas de vicio não fazem, pois, sinão acompanhar o autor de Jacques Rolla, que provavelmente nunca leram.

Seja como fôr, parece certo que aos que se querem contentar com este unico aspecto, Pariz oferece extraordinarios atrativos, pois quem, uma vez, levou aos labios a capitoza taça dos seus prazeres não tem socego de espirito emquanto não na sorver até as ultimas gotas.

*

* *

Quem penetra, porém, na Cidade-Luz, com o espirito cheio da sua glorioza historia, e da magnifica irradiação de arte que ella tem sabido inspirar, como se acha bem ao pizar as calçadas das suas belas ruas! Debalde assaltam o espirito a imponente majestade de Londres, a alegria transbordante de Viena, a severidade disciplinar de Berlim, a melancolica poezia de Roma. Pode-se ser, á vontade, germanofilo, ou anglofilo. E' Pariz que se sauda como uma antiga conhecida, a quem se desvendam as intimidades da alma, em que se reveem com volupia sonhos longamente acariciados.

Nutrida a alma de todos nós com leituras francezas, foi Pariz que nos abriu o espirito.

Os volumes que primeiro nos ilustraram a infancia, os romances que ás escondidas nos estimularam a malicia de colejiais, os livros que nos fizeram sonhar, sorrir ou pensar, todos nos trouxeram, aos poucos, pedacinhos desta sutil e encantadora alma pariziense. De lonje, todos acompanhamos o evolver da grande cidade. As suas figuras são-nos familiares. Os seus monumentos temol-os gravados na imajinação. Os seus multiplos aspectos são para nós como que aspectos da nossa vida quotidiana.

E' por isso que Pariz é uma cidade que nunca

se vê pela primeira vez, e sempre se *revê*, mesmo no momento em que se dezembarca. Com que prazer atravessa a gente a Praça da Concordia, sauda o obelisco, velho amigo, olha a admiravel perspectiva dos Campos Elisios, tendo no fim a glorioza apotéoze do Arco da Estrela, e vê num deslumbramento, a Madalena, o Louvre, o Jardim das Tulherias, as pontes, o Sena, tudo lembrando ao espirito, fatos, ideias, leituras, que nos acodem em borbotões, prendendo, da maneira a mais intima, a paizagem que nos cerca a longinquos epizodios da nossa propria vida. E este aspecto encantador, como para completar o deslumbramento, é por sua natureza cambiante, como o oceano. Muda conforme as estações e as epocas do ano. Muda no mesmo dia conforme as horas. Mas sempre nos aprezenta uma face grata ao espirito, acariciando a memoria com a reprezentação viva de uma sensação anteriormente sentida ou sonhada.

No policial que passa, no pezado *omnibus* arrastado por gigantescos cavalos brancos, no *gavroche* adoravelmente impudente, na *midinette* carregada de caixas de encomendas, nos vendedores ambulantes com os seus pregões carateristicos, no insolente cocheiro de *fiacre*, vemos a reprodução de tantas coizas que entretiveram a nossa imajinação dos verdes anos. E' necessario algum esforço para não dirijirmos a palavra ao primeiro tranzeunte, como a um conhecido, perguntando por coizas e pessoas descritas em livros ha tanto tempo

lidos que de muitos nem os titulos nos lembram mais.

Seja qual fôr a feição atual do nosso espirito, foi em francez que todos nós começamos a pensar e a sonhar. Sentimos por isso, a nostaljia das nossas primeiras leituras, e em Pariz vamos ter esta delicioza impressão, absolutamente unica entre quaisquer outras que se tenham nas demais cidades europeas.

*

* *

Quando se deixa a ruidoza marjem direita, cujo encanto é extraordinariamente prejudicado pela banalidade cosmopolita dos grandes *boulevards*, cheios de estranjeiros e de ociozos, colmados de lojas em que se ostenta como uma bandeira o odiozo *English spoken here*, e se atravessam as pontes para entrar na marjem esquerda, como entramos nós, com inarravel delicia, pelo passado da grande cidade, entrando ao mesmo tempo pelo nosso proprio passado!

São as pitorescas instalações ao ar livre dos alfarrabistas do cais, com a mesma aparencia das que foram vizitadas por tantas gerações de bibliofilos. Que prazer é estacionar diante dellas e folheiar os exemplares traçados e empoeirados, que ali vem ter, quem sabe de onde.

E' Notre Dame com a sua figura medieval, a pureza das suas linhas goticas, a sombria austeridade do seu interior, as suas torres, as fórmas grotescas das suas quimeras, tanta coiza enfim que faz pensar na historia real que ali palpitou, e na poderoza fantazia de Victor Hugo que emprestou um sopro de vida áquellas paredes enegrecidas.

E' a Conciergerie onde se dezenrolaram os lutuozos dramas da Revolução.

O velho palacio de Cluny, com o seu preciozo muzeu, e os restos do castelo onde Juliano foi aclamado imperador, pelas lejiões romanas reunidas na antiga Lutecia, sendo assim o primeiro monarca que recebeu a capitoza consagração de Pariz. De então para cá quantos tem procurado esta consagração, com mais ou menos felicidade!

O bairro latino, fervilhando da boemia intelectual, cheio de edificios veneraveis em que palpita o genio da raça, animado pela veia inesgotavel do espirito gaulez, para onde converje tudo o que o mundo civilizado tem de notavel, e onde, sem despender um centezimo, podem-se adquirir noções de todos os conhecimentos humanos, dadas pelos espiritos mais poderozos que a França possue.

E o recanto adoravel do Luxemburgo, onde um jardim encantador e povoado de crianças e de passaros conserva a memoria dos queridos poetas que nos enlevaram a mocidade. E ao lado, o Muzeu, onde se guardam as joias da arte franceza, ao

passo que, na marjem oposta, o seu rival, o Louvre, contem os primores da arte universal.

E as ruas velhas e pitorescas, onde florecem as industrias do Pariz antigo, onde velhos palacios da Renacença se destacam solitarios na poezia da sua elegante vetustez, onde os comerciantes falam corajozamente o bom francez de seus pais sem ostentarem letreiros em lingua estranjeira, onde pouco aparecem os cultores do Baedeker, e por onde raramente se aventuram as hordas devastadoras da ajencia Cook.

Como é adoravel este Pariz da marjem esquerda, emquanto lá não chegar o nivel tremendo dos melhoramentos. Quando o vi pela primeira vez, ha anos atraz, somente por lá passavam os velhos *omnibus,* que não perturbavam a doce tranquilidade do ambiente.

Hoje a buzina dos automoveis, e o estertor dos tramways, passam ao lado do venerando retiro da Sorbonna. Deixei bem adiantados os trabalhos do Metropolitano.

Que ficará do velho Pariz dos nossos sonhos?

O lago de Genebra

A QUEM tenha o espirito cansado pela banalidade da paizajem suissa, com as suas eternas montanhas e geleiras, os seus hoteis monumentais, e o reclamo de toda a especie que persegue o viajante, apregoando a beleza inimitavel da natureza no mesmo tom com que se apregoam a farinha latea de Nestlé ou o chocolate Suchard, nada repouza mais do que uma longa estação, em qualquer das pequenas cidades que bordam as encantadoras marjens do lago de Genebra.

A propria beleza do lago e as tradições de tantos espiritos superiores que por ali passaram, atuam tão fortemente sobre a imajinação, que sobrepujam a vulgaridade esmagadora com que, na Suissa, os guias, os hoteis e os inglezes matam o encanto das viajens.

A' beira do Lemano, porém, as impressões são de ordem intelectual, e, realçadas pelo esplendido quadro da natureza, oferecem um largo pasto á imajinação. Não se póde deixar de ligar a paizajem aos grandes espiritos que ali viveram, sofreram e produziram, e a sedução do ambiente obriga a investigar si foram da mesma natureza que as nossas as sensações, de Rousseau, Voltaire, M.me de Stael, Byron e Shelley. O proprio Byron disse que, ao vagar sobre as aguas cristalinas do lago, sentia um nobre ardor dando realidade ao sopro de gloria, que animou os herdeiros da imortalidade:

How much more, Lake of Beauty! do we feel,
In sweetly gliding o'er thy crystal sea,
The wild glow of that not ungentle zeal,
Which of the heirs of immortality
Is proud, and makes the breath of glory real!

*

* *

E' em primeiro logar o genio de Byron, que enche o espirito com a recordação dos dias passados em companhia de Shelley, levando através do lago a angustia da sua alma insaciada, arriscando a vida para salvar a do amigo nos rochedos de Meil-

lerie, onde os dois poetas naufragaram exatamente no mesmo logar em que Rousseau descrevera o naufragio de S. Preux e de Julia; comovendo-se ao aspecto interessante da parte velha de Genebra, a cidade calvinista; vizitando o castelo de Chillon, tão cheio de lugubres recordações, que contrastam o belissimo aspecto da paizajem, a mais formoza do lago, e descrevendo a tortura de Bonnivard, que ali esteve encarcerado, em admiraveis versos, sómente comparaveis aos que Dante dedicou ao conde Ugolino; recordando, em Clarens a vida de Rousseau e o seu prestijio sobre a humanidade, em Lausanne Gibbons, e a superioridade do espirito inglez na concepção da historia, em Ferney Voltaire e a onipotencia da critica; indo a Coppet para visitar M.me de Stael, então em plena florecencia da pequena côrte que ali mantinha.

Oh! este castelo de Coppet, situado em um logar tão encantador, como faz pensar na perturbadora Corina, que lá passou os melhores anos do seu exilio, rodeada de adoradores fieis e ciumentos, vizitada pelo que a Europa tinha de mais ilustre, no mais forte da sua crize de amor com o romantico Benjamin Constant, tornando-se o centro intelectual da reação contra Bonaparte, e lamentando ao mesmo tempo, preza de nostaljia, o seu *petit ruisseau de la rue du Bac.*

Ferney, a pouca distancia de Genebra, si bem que não á beira do lago, é o refujio de Voltaire, cuja caza é relijiozamente conservada, cheia de

reliquias do grande homem, que, depois da ruptura com Frederico, estabeleceu ali a séde do seu pontificado, arvorando-se em apostolo do livre pensamento, e exercendo por toda a Europa uma verdadeira revolução intelectual, cujos efeitos, do seu deliciozo retiro, elle observava com toda a atenção.

O grande rival de Voltaire, o incompreendido Rousseau, espirito paradoxal e angustiado, a quem não se sabe si se deva lamentar ou admirar, naceu á beira do lago, e ali viveu talvez a parte mais pura da sua vida. O seu monumento, numa pequena ilha do Rodano, cercada de arvores sombrias, onde chilreiam os passaros, é o recanto mais adoravel de Genebra, para que, fóra do bulicio da cidade, e ao mesmo tempo bem no coração della, se possa sonhar no seculo XVIII, e no mundo de coizas que elle sujere, tendo á vista, nos dias claros, a majestoza perspectiva do Monte Branco.

A beleza serena do lago e dos seus arredores, ninguem a compreendeu melhor do que Rousseau. Montreux, Clarens, Vevey, estão cheios de recordações da Nova Heloisa. São ainda os mesmos castanheiros seculares que se debruçam sobre as encostas das montanhas. E' o mesmo azul diafano do lago, cortado pelas graciozas barquinhas do Lemano, cujas velas conjugadas fazem lembrar as azas de um passaro. São as gaivotas, em bandos garrulos, descrevendo no ar infinitas volutas, ou cortando a nado a placida superficie do lago. E' o lago que,

atormentado de repente pela briza, transforma a sua habitual calmaria em furioza tempestade, que atira sobre as marjens vagas de altura descomunal. E' a alvinitente crista do *Dent du Midi*, que domina a paizajem, cercado de todo o sistema de montanhas do Oberland, que refletem nas aguas fundas a sua massa imponente. E' o Rodano que arroja ali a sua corrente pardacenta, a qual, durante larga extensão, faz violento contraste com o limpido azul do lago. Todos estes esplendores da natureza, que tanto seduzem na parte oriental do lago, foram descritos pelo autor da Nova Heloisa, nos passeios sentimentais dos dois amantes por aquelles sitios. E quantos pedaços da sua pobre alma não terá deixado ali o genial e infeliz amante de M.me de Warens!

O encanto de Clarens e Montreux é hoje ainda mais realçado pelas graciozas cazas de campo que a povoam, sobresaindo o deliciozo retiro da ilha *des Mouettes*, onde o pintor Chartran, fez construir a mais encantadora vivenda que um artista póde imaginar.

Foi de Vevey que partiu, em dias de rigorozo inverno, Henrique IV, da Alemanha, para a humilhação de Canossa, afrontando, em demanda da Italia, invios trilhos e tempestades de neve, pelo mesmo caminho do Simplon, que os viajantes de hoje atravessam em tunel, rodeados de todas as comodidades de que é capaz a Companhia Internacional dos Vagões Leitos. Como não padeceu por

aquelles mesmos sitios o orgulho, até então intanjivel do poderozo imperador, cujo prestijio teve de ceder diante da vontade imperioza de Gregorio VII, um simples frade velho e enfermo.

*

* *

Tantas recordações, de natureza diversa, atravessam o espirito, objetivam-se no mundo exterior, vagam pelo azul do lago, esfumam-se no indecizo horizonte formado ao lonje pela neve das montanhas, e enchem o ambiente de uma atmosfera de saudade e devaneio, contra a qual é impotente toda a complicada organização de ridicula vulgaridade que acompanha o viajante de hoje nos paizes civilizados, e na Suissa mais do que em nenhum outro.

Saturado o espirito destas idéas, podemos amar e admirar o lago de Genebra, em todo o seu esplendor. Podemos reajir com a Nova Heloisa contra o Baedeker, com Byron contra os sujeitos que nos gritam a historia de Bonnivard a cincoenta centezimos por cabeça, com M.me de Stael contra os tenores que berram nas barcas a *Stella Confidente*, com Shelley contra os inglezes que agridem de *kodak* em punho as belezas naturais que se lhes deparam, tão sómente para escrever nas notas

de viagem: *seen, beautiful day,* ou *it was raining.*

Tinha razão o grande Byron. E' o espirito dos ilustres mortos que por ali passaram, que anima as marjens do Lemano, e o fremito de admiração que nos sacode a alma, confunde na mesma homenajem a beleza augusta da natureza e a beleza imortal das grandes creações artisticas.

Como se percebe então, diante do divino panteismo que é a verdadeira relijião do artista e do poeta, quão futil e pequenina é a velha distinção entre o espirito e a materia. Esplendores da natureza ou manifestações do genio, são igualmente produtos de uma só e misterioza força, que nos penetra e subjuga, mas que nunca poderemos conhecer.

E toda vez que um poeta ou um artista, identificando-se um momento com o intanjivel segredo das coizas, mostra-nos uma face da natureza em todo o seu deslumbramento, nós sentimos este empolgante delirio, que nos arrebata para mundos estranhos, num dezejo ardente, violento e insaciavel, de que Shelley deu a medida tão exata no seu majestozo Hino á Beleza Intelectual.

O monte Cervino

Conheço uma banalidade maior do que a Suissa dos hoteis cosmopolitas, dos guias de viajem e das excursões Cook. E' a impavidez com que alguns viajantes reeditam pela milezima vez, como proprias, as mesmas facecias da Suissa artificial para explorar os viajantes, graças ás quais Daudet obteve tamanho sucesso em *Tartarin sur les Alpes.*

A delicioza *galéjade* tarasconeza produziu tal impressão em quem a leu, que ao aspecto das verdes pastajens cobertas de rebanhos, das geleiras que guarnecem os flancos das montanhas abruptas, e até do deliciozo e matinal café com leite e mel de abelhas, não ha quem não pense na memoravel conversa sob o tunel de Axenstrasse, perto de

Brunnen, á beira do lago dos Quatro Cantões, na qual Bompard convenceu a Tartarin de que toda a Suissa era propriedade de uma poderozissima companhia, que gastava um dinheiro surdo para montar, arranjar, pintar e calafetar montanhas e precipicios, engajar lejiões de pastores, camponezes, alpinistas, *et reliqua*, tudo com o intuito de atrair as hordas de viajantes que, de junho a setembro, invadem anualmente os hoteis-palacios, afim de apreciarem as belezas da natureza helvetica.

Confesso, pela minha parte que ao penetrar no pitoresco ramo do lago, que toma o nome especial de lago de Uri, procurei o ponto onde Daudet colocou a conversa popularizada por Myrbach nas gravuras da edição Guillaume, em que nós todos lemos o livro, com a mesma avidez com que olhei para a capela pouco adiante erguida á memoria de Guilherme Tell. Entes igualmente imajinarios e vivendo pela consagração popular, Tartarin e Guilherme Tell têm os seus nomes indissoluvelmente ligados áquellas parajens.

Ao passo que Tartarin foi creado de um só bloco pela poderoza fantazia de um grande romancista, o outro foi, aos poucos, elaborado pelo espirito do povo, que lentamente ajustou varios fatos, devidos a personajens reais, e ornando-os com puras invenções, formou o tipo lendario que hoje se impõe ao patriotismo de uma nação inteira.

Si não fosse a poderoza creação de Schiller, que perpetuou para todo o sempre o heroe suisso,

a sua memoria vejetaria obscura entre os seus patricios, sem ter o destaque universal e imorredouro com que se impõe a todas as gerações, como personificando a grandeza moral de um povo. E tanta conciencia têm disso os suissos, que á entrada da parte do lago, onde a lenda figura toda a ação de Guilherme Tell e, portanto, toda a orijem da formação da Suissa, antes dos monumentos ao heroe e das capelas comemorativas, o que se avista, sobrepujando tudo, é o rochedo de *Mythenstein*, com a sinjela inscrição: *Ao cantor de Tell, Fr. Schiller, os cantões primitivos, 1859.*

Quiz assim a Suissa testemunhar quanto deve a uma belissima creação da poezia a poderoza lenda que ainda hoje anima as enerjias de um povo patriotico. Tocante homenajem ao poder sujestivo da arte!

Si, pois, a velha Suissa das lendas heroicas pede o seu prestijio á creação de Schiller, não é de estranhar que a nova Suissa dos *touristes* deva a sua fama ao romance de Daudet.

Não ha, pois, quem, pizando aquelle solo, não tome ao serio a pilheria de Bompard, e, ao encontrar os camponezes, que na sua incompreensivel geringonça oferecem *edelweiss* ou *alpenstocks*, ou mesmo ao encontrar as montanhas cobertas de neves eternas, ameaçando despenhar medonhas avalanches, não tenha vontade de dizer, piscando os olhos, como dizia Tartarin, com ares de iniciado: *Connu, mon vieux, c'est pour rire.*

*

* *

Quando, porém, se sai da Suissa convencional, povoada dos mais confortaveis hoteis da Europa, cheia de belas casas de campo, de cascatas iluminadas a fogos de artificio, de geleiras com bilhetarias á entrada, de montanhas coroadas por projetores eletricos, póde-se gozar ainda dos encantos de uma natureza agreste e bela, emquanto lhe não chegam os requintes niveladores da civilização.

Nas rudes montanhas do cantão de Valais, onde até bem pouco tempo havia rejiões em que eram proibidos os automoveis, onde os hoteis ainda não adotaram a fórma neutra e internacional dos vastos caravanserralhos que enchem o resto da Suissa, póde por ora a gente admirar os esplendores da paizajem, sem o receio de encontrar a cada passo um letreiro recomendando o belo ponto de vista, ou avizando de que na volta do caminho ha um precipicio.

Para Zermatt, que fica no fundo do cantão, e bem no meio dos Alpes, vai-se pela linha cujo prolongamento é hoje o Simplon, a mais recente e rapida via de comunicação entre a França e a Italia.

O trem expresso, com o seu conforto internacional, contrasta o aspecto selvajem da vista que se

começa a descortinar, depois que, deixadas as marjens encantadoras do lago Lemano, sobe-se o vale do Rodano, em demanda do formado pelo seu afluente, o Viége.

São, a cada passo, torrentes que se despenham das eminencias e vão em atroadores rujidos á procura da planicie, rochedos gigantescos que parecem em equilibrio instavel nas alturas inacessiveis, altissimas montanhas cujos cimos nevados já se começam a divizar ao lonje, florestas de pinheiros que constituem a principal vejetação daquellas rejiões.

O curso do Viége é todo formado por uma sucessão de catadupas, refervendo e espumando de encontro aos enormes blocos de gneiss que lhe empecem o caminho.

Subindo-o por uma encosta de grande declive, chega-se a Zermatt.

Zermatt é uma aldeia, que nenhum outro atrativo oferece, além de estar aos pés do monte Cervino.

Na unica rua alinham-se os hoteis, cuja maioria pertence a uma só familia, e á roda estão semeados os chalets das poucas centenas de moradores. Não são mais os elegantes chalets das cercanias de Lucerna e Interlaken, de côres claras, enfeitados de flôres, cheirando a rezina de pinheiro, que constituem parte obrigatoria de toda a paizajem suissa que se preze. São cazinhas negras e acaçapadas, fortemente construidas para rezistir aos duros mezes de inverno, durante os quais, suspenso o trafego da

estrada de ferro, izolados os moradores do resto do mundo, servem de refujio unico á população, bem como aos animais domesticos.

No fim da rua, vêem-se os dois cemiterios, catolico e protestante, cobertos de sepulturas de alpinistas vitimas de dezastres. Ao lado, um pequeno muzeu alpino contém destroços das varias vitimas da ascensão ao Cervino. Roupas dilaceradas e onde se vêem sinais de sangue, cordas partidas, *alpenstocks* despedaçados, fragmentos informes, mostram os estragos cauzados por horriveis quédas daquellas alturas vertijinozas, tudo acompanhado de minuciozas descrições dos dezastres, cuja leitura evoca os momentos terriveis em que dezapareceram tantas vidas na lugubre solidão daquelles gelos.

Entretanto, sem que se apavorem por este sinistro espetaculo, ou talvez mesmo incitados por elle, grupos de alpinistas partem todos os dias em ascensões arriscadas á majestoza montanha.

*

* *

A enorme piramide do Cervino domina pela sua estranha e imponente configuração. Não é a linha curva do monte Branco, nem a virjinal corôa do Jungfrau.

E' uma gigantesca mole que surje, hirta, so-

lene, truculenta, em linhas firmes, em arestas fortes, afirmando a sua superioridade de gigante sobre a ridicula pequenez da humanidade. Os gelos eternos não na conseguem cobrir de todo, apezar da altura, apezar do frio. A neve escorre-lhe pelas rochas aclives e muito em baixo vai formar as geleiras de um azul esverdeado, verdadeiros rios de gelo, de curso aparentemente imovel, que alimentam o rejimen de aguas, de onde saem os afluentes do Rodano.

Subindo á montanha de Gornergrat, ligada a Zermatt por uma ouzada linha eletrica de cremalheira, tem-se um dos mais belos panoramas dos Alpes. Avistam-se em roda o monte Rosa, os Gemeos, o Breithorn, o Rothhorn, e além, mais além, ainda além, toda a vasta série de cabeços nevados, que, na imensidade apavorante das geleiras, parecem estar tão perto que poderiam ser tocados com a mão.

A reverberação do sol empresta ás cumiadas um tom lijeiramente rozeo, e, refletindo na alvura imaculada das neves, produz uma tal fulguração de luz, que fascina a vista e deixa o espectador em estado de verdadeiro extaze.

Mas é ainda o Cervino que vence, com o seu cimo ponteagudo, dezafiando as montanhas rivais que lhe ficam aos pés, e sobre as quais projeta ao sol poente a sua fantastica e majestoza sombra. Orgulhozo, solitario, elle parece recordar que os flancos creadores da terra, numa convulsão suprema, atiraram aos ceus aquelle vertijinoso dezafio,

ultimo grito de guerra numa monstruoza luta de titães.

E decendo a montanha, onde quer que se esteja, já lonje de Zermatt, volve, de espaço, em constante obsessão, a grandioza figura do Cervino, erecto, hispido, arestozo, como um protesto, em nome da sua rudeza selvajem, contra os artificios refinados que cercam as outras montanhas da Suissa central.

As duas Alemanhas

Saindo-se de *Unter den Linden*, em direção ao Tiergarten e passando-se pela famoza porta de Brandenburgo, entra-se na Praça Real, de cujo centro tem-se um dos mais impressionadores aspectos de Berlim.

Bem no meio eleva-se, toda de granito e bronze, a coluna da Vitoria, de cujo cimo uma colossal Borussia dourada domina toda a redondeza.

No sopé, quatro baixos relevos lembram as vitorias das armas alemãs, e em letras douradas, lê-se a orgulhoza inscrição: *Das dankbare Vaterland dem siegreichen Heere.* (A patria agradecida ao exercito vitorioso). Encravados no fuste vêm-se canhões tomados á Dinamarca, á Austria e á França.

De um lado destaca-se o palacio do Reichstag, que os francezes costumam descrever como um edificio pezado e sem gosto, mas que ao olhar desprevenido aprezenta um aspecto severo e majestozo, com a sua larga escadaria e os seus porticos, a esplendida fachada com baixos relevos de Begas, e as figuras fantasticas das Valkirias que dos angulos do edificio parece lançarem-se no espaço.

Bem em frente ao Reichstag vê-se o belo monumento de Bismarck, a que correspondem do outro lado da praça os dos dois outros colaboradores da unidade alemã, Roon, de uma sobria grandeza, e Moltke, um tanto trivial.

Nas ruas que vem ter á praça, estão os monumentos de Goethe, de Lessing, de Wagner e o pequeno templo alegorico comemorativo de Haydin, Mozart e Beethoven.

Ao lado da praça extende-se o Tiergarten, o parque favorito dos berlinenses, de onde começa a esplendida estrada de Charlottenburgo, que leva á cidade vizinha, onde estão um dos palacios imperiais e o belo mauzoleu dos Hohenzollerns.

Atravessando em linha réta o Tiergarten e dezembocando em frente á coluna, passa a extensa e larga alameda da Vitoria, *Siegesallée*, ornada das estatuas de trinta e dois reis da Prussia e de Brandenburgo. As figuras de marmore, em tamanho maior que o natural, são precedidas de uma exedra, sobre a qual se levantam estatuas de contemporaneos ilustres de cada um dos soberanos.

*

* *

E' inolvidavel o conjunto de impressões que deixa no espirito esta admiravel perspectiva, a quem reflete um pouco no papel da Alemanha atravéz dos seculos.

Parece que da vasta alameda erguem-se, solenes e majestozos, os velhos antepassados, evocando as glorias da Germania Mater, e, revendo-se no rezultado a que chegaram os seus decendentes, mostram ás gerações futuras o progresso que fez o povo, desde a éra obscura dos seus *Markgraves*, até a florecencia atual do imperio com as suas tendencias, talvez insolentes, para o pan-germanismo.

Sente-se bem que foi essa na historia a verdadeira alameda do triunfo, percorrida pela nação, tendo á frente os seus soberanos guerreiros, guiada por uma forte conciencia do seu destino, e iluminada por uma lejião de pensadores que tanto elevaram a cultura germanica.

A coluna que completa a magnifica alameda, é a consagração material do grande *Werden* da raça.

Mas, si a olharmos de mais alto, não na vemos como a simples impressão de uma vitoria da força bruta, sim como a afirmação glo-

rioza de um grande povo que viu chegada a sua hora historica.

Ponhamos de lado a Alemanha dos generais, do cerco de Pariz, das leis de exceção, do despotismo militar, dos discursos retumbantes do *Kaiser* Guilherme. Acima della, penetrando-a com a sua seiva poderoza e vivificante, envolvendo-a com a intensidade da sua luz, está a outra Alemanha, a que não depende dos canhões fundidos em Essen, nem do ouro entezourado em Spandau.

E' a Alemanha do pensamento, a Alemanha de Kant, de Schopenhauer, de Hegel, de Hartmann, de Haeckel, de Nietzche. Que produziu Lessing, Goethe, Schiller e Heine. Que na muzica faz vibrar a longa escala de grandes artistas, vindo de Bach até o genio culminante de Wagner. Que alcançou na nossa época o deslumbrante dezenvolvimento cientifico, cuja irradiação se espalha sobre todo o mundo culto.

Esta Alemanha ergue-se, majestoza, sobrepujando as mesquinhas construções da Alemanha militarizada e burocratica, não porém sem lhe transmitir todo o prestijio necessario para que a outra seja respeitada e forte.

Mesmo nas suas manifestações as mais antipatizadas, partam ellas do governo ou das classes militares, ha no espirito alemão um que de grave e entusiasta, que não póde deixar de impôr admiração. Póde-se discordar de alguns processos, mas

é-se forçado a reconhecer que o povo segue o seu caminho na historia, fortemente penetrado do ideal de sua raça.

O proprio irrequieto *Kaiser* com a sua concepção medieval da realeza e do exercito, procura dar aos seus atos e gestos uma fórma artistica, que o aproxime dos velhos tipos lendarios da mitolojia germanica.

Debalde a compressão administrativa peza sobre a população, impondo-lhe formulas e doutrinas destoantes dos ideais do seculo. Por toda a parte reponta o espirito novo, professado por uma ardente mocidade, largamente divulgado pelos escritores, copiozamente difundido nas universidades. O rijido espirito prussiano vai-se aos poucos diluindo na concepção mais larga da raça, que do Rheno ao Danubio fala o masculo idioma, cuja unidade faz a unidade da nação, como apregoava Arndt na sua celebre poezia.

No proprio exercito já se começam a manifestar clarissimos sinais de que os capacetes pontudos tambem cobrem cerebros pensantes. Apezar da severidade com que se proibem os chamados jornais revolucionarios, não é raro adivinharem-se sob a farda de muitos oficiais o *Zukunft* ou o *Simplicissimus*, secretamente comprados. E as edições dos livros anti-militaristas sucedem-se rapidamente, mesmo quando retirados da circulação.

*

* *

Henrique Heine não perdoava á Inglaterra o ridiculo de ter vencido Napoleão. O deslumbrante progresso da Alemanha póde, porém, concorrer para que lhe seja perdoado o bombardeio de Pariz.

A unificação da Alemanha depois de Sedan foi um dos fatos mais importantes da historia moderna. Passou Sedan, como passaram e passarão todas as batalhas. Ficou, porém, o efeito da proclamação do Imperio na Galeria dos Espelhos de Versailles, consagrando o momento historico, tão admiravelmente traduzido no celebre quadro de Werner.

A tendencia para a unificação é a velha idéa germanica que se evolveu atravez de todas as lutas da idade média, animou os sonhos imperialistas de Barbaroxa, Carlos Magno, e Carlos Quinto, precizou-se no cerebro poderozo do grande Frederico, e veiu ter a sua consagração definitiva graças á grande habilidade de Bismarck.

Não exajeremos, porém, o papel dos grandes homens. Não foi sómente Bismarck quem unificou a Alemanha.

Elle chegou na ocasião oportuna e, como dizem as palavras do canto nacional *Wacht am Rheim*, acudiu ao apelo que desde longas éras fazia toda a nação a quem se pozesse á frente do movimento

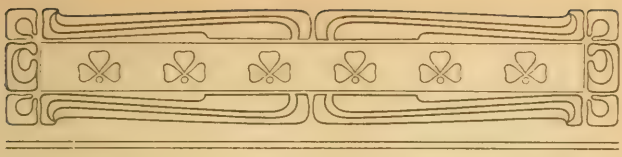
para tornar do Rheno um rio alemão e alargar a esfera de influencia do germanismo.

Si para obter este resultado foi necessario traduzir, rezumir ou falsificar o telegrama de Ems, si a torrente caudaloza da guerra espalhou por toda a parte tantos horrores, isto é, profundamente condenavel como é toda a guerra, seja qual for o motivo.

Mas, passada a guerra e apreciado o efeito moral que ella produziu, não ha quem possa deixar de considerar uma conquista para a civilização o estabelecimento do Imperio Germanico.

Eis por que, apezar de pacifista intranzijente, pude contemplar com sincera admiração a *Siegesaüle* de que tanto se orgulham os alemães.

Adepto fervorozo da cultura germanica, eu não pensava na Alemanha de Bismarck. Era a outra, a de Kant e Goethe, que eu venerava.



Sans-Souci

O CASTELO de Sans-Souci, em Potsdam, rezidencia favorita do grande Frederico, é um fragmento do seculo XVIII, que, flutuando á tona das grandes convulsões que ajitaram a Europa do seculo passado, chegou intacto até os nossos dias.

O parque, dezenhado ao gosto de então, o castelo em primorozo estilo rococó, os apozentos, conservados com a mesma decoração e mobilia da grande época, e cheios de significativas reminicencias da intensa vida que ali reinou, transportam o espirito ao tempo em que o rei filozofo, cercado dos mais brilhantes espiritos contemporaneos, fazia de Potsdam o refujio do bom gosto e do livre pensamento, emquanto por uma administração cruelmente severa lançava as bazes do imperio alemão.

Na vida deste homem extraordinario, revemos todo o seu seculo, com o seu apurado gosto, a sua finura de sentimento, o seu espirito distintamente fidalgo, a sua bravura cavalheiresca, mas tambem com os seus defeitos, os seus crimes, e, confessemos, as suas torpezas.

Tudo em Frederico II é paradoxal e inesperado, e tão ilogicas são as reviravoltas da sua carreira, que a um espirito como Carlyle pareceu necessario, para explical-as, considerar o grande rei uma especie de misteriozo instrumento do destino, encarnando o espirito do seu tempo, afim de ser o homem reprezentativo da nação, que em pouco mais de um seculo fez e cauzou a mais rapida mudança politica de que fala a historia moderna.

E' conhecida a educação que lhe deu seu pai, Frederico Guilherme, especie de sarjentão, sordidamente avaro, orgulhozo da sua ignorancia, profundamente possuido do desejo de engrandecer o seu paiz, mas professando o mais absoluto desprezo por tudo o que fosse intelectual. Preocupado em formar a sua guarda de gigantes, que pagava a pezo de ouro, tratando de aumentar os seus Estados, povoal-os e agricultal-os, não tinha outros lazeres sinão absorver dózes inconcebiveis de cerveja entre fumaradas de cachimbo, no seu *Tabakscollegium*. A tudo o que contrariasse a sua vontade despotica, ou lhe lembrasse alguma coiza de ideal, elle opunha a sua inflexivel diviza: *Nicht raisonniren.*

Compreende-se bem que tais principios, aplica-

dos á educação, produzissem a condenação absoluta da arte, da literatura, de tudo, emfim, que levantasse o espirito do joven principe acima das vulgaridades da vida, ás quais elle sabia chamal-o, a cada propozito, por palavras e gestos da mais grosseira brutalidade. Entretanto, o efeito de tal tirania foi inteiramente contraproducente. Apezar de lhe ter o pai quebrado nas costas a flauta que uma vez o surpreendera tocando, cultivou elle este instrumento até a velhice. O francez, que aprendeu ás escondidas, foi a lingua que escreveu e falou até o fim dos seus dias, com prejuizo da sua propria, que afetava desconhecer. E comquanto da sua instrução tivessem sido banidas, por imposição paterna, *a literatura, a filozofia e outras frioleiras*, Frederico sobrepunha o titulo de filozofo ao de rei, e tão apaixonado foi da literatura, que até nos campos de batalha fazia versos, si bem que mediocres.

Não custou, porém, esta revolta poucos dissabores ao principe. Constantemente caía implacavel sobre elle a bengala paterna, em prezença da côrte. Mais de uma vez a sua vida correu serio perigo, e de uma feita que estava a ler versos, salvaram-no a custo os cortezãos da furia do rei, que o queria estrangular com um cordão de cortina. Para fujir a tão insuportavel vida, tentou Frederico dezertar para a França, cuja literatura o fascinava. Prezo, processado e encarcerado, viu fuzilar em sua prezença o oficial que o acompanhara na escapada, e deveu a conservação da existencia á

intervenção dos soberanos amigos. Quando, aos 22 anos, saíu da prizão de Küstrin, onde teve tempo de ler as obras de Voltaire, vinha fortemente aparelhado para a vida, e ás suas qualidades boas e más, havia acrecentado a dissimulação.

Pôde, portanto, reconciliar-se com seu pai, acompanhal-o na administração do reino, aprender a arte da guerra e preparar-se tranquilamente para exercer o papel que lhe estava destinado na historia.

*

* *

Uma vez rei, Frederico deu plena expansão aos seus gostos e habitos, e aí começa a vida de Potsdam, no castelo que fez construir e onde viveram durante tantos anos os mais gloriozos espiritos da sua época, tendo com elle ativissima correspondencia os que lá não estiveram. Como deviam ser fulgurantes de espirito, de malicia, de bom gosto e de profundeza, as conversações em que brilhavam Maupertuis e La Mettrie, Algarotti e D'Argens e onde dominavam Voltaire e o proprio Frederico.

Ornada de estatuas e tapeçarias, ainda existe, tal qual, a sala oval dos banquetes, onde tinham logar as celebres ceias de que disse Joseph Chenier:

La reignait chez un roi l'esprit philosophique,
Et l'empire à souper passait en république.

Ainda se vê a biblioteca, excluzivamente composta de livros francezes. Compreende-se, então, perfeitamente que o espirito da enciclopedia, brotando daquelles alfarrabios, levou o livre pensamento por todo o mundo culto, atuando com igual intensidade, sobre os desconhecidos burguezes que seriam mais tarde os terriveis jacobinos da convenção franceza, e sobre o rei filozofo que fundava a sua tirania na propria vontade absoluta, já que o seu ateismo demolira o direito divino. Os livros todos, indicando um constante versar, são cobertos de notas interessantissimas da mão do rei, todas em francez.

Nos quadros que guarnecem os apozentos, muitos verdadeiras obras primas, brilha a arte franceza. Nos Watteaus, Lancrets e Paters, vê-se palpitar aquelle sensualismo refinado e comedido, aquelle bom gosto equilibrado e distinto, aquelle cepticismo delicadamente ironico, aquelle conjunto de coizas finas e deliciozas que constituem o inconfundivel carater do mais corruto e mais intelijente dos seculos que passaram. Os moveis, os tectos, as esculturas, o quarto de Voltaire, tudo nos fala no seculo XVIII francez. Em uma das salas, vê-se um grande relojio, parado justamente, como para completar a ilusão, na hora em que morreu Frederico.

No parque está o cemiterio dos seus cães, com

logar especial para um que lhe salvou a vida. Conta-se que no momento em que ia tomar uma chicara de chocolate caiu-lhe dentro uma aranha. Enojado, elle deu o chocolate ao cão predileto que lhe estava ao pé. O animal morreu imediatamente. No mesmo instante o cozinheiro, sentindo-se descoberto, suicidou-se. O cão tem o seu monumento á parte, e ainda hoje vê-se pintada no tecto uma aranha, no logar precizo onde se deu o fato.

Ao fundo está o famozo moinho, hoje pertencente ao parque e que tem servido para banalissimas citações de tantas gerações de leguleios de mediocre erudição, quando graças á cumplicidade da poezia de Andrieux, ameaçam a mizera humanidade com a justiça dos juizes de Berlim. Si o grande Frederico, cujo bom gosto era tão inimigo da trivialidade, tivesse adivinhado a triste sorte do moinho, hoje pertencente ao castelo, certamente teria deixado em paz o moleiro autor da altiva resposta, tão injustamente estragada pela bacharelice postera.

As relações de Frederico com Voltaire, que tiveram por teatro o castelo de Sans-Souci, são interessantissimas. A admiração que tinham, um pelo outro, os dois grandes espiritos, a rivalidade que os levava a se alvejarem constantemente com ditos do mais venenozo espirito, as rusgas, rompimentos e reconciliações, as ridiculas mizerias do rei para com o grande filozofo, as perfidias e traições com que este se vingava das perseguições, tudo isso

faz um admiravel quadro, em que o sublime, o ridiculo, e até o abjeto se fundem no mais disparatado amalgama, tendo, porém, como fundo o elegante cinismo que constituia a feição fundamental do espirito de ambos.

*

* *

Este cepticismo do rei, que o acompanhava em todas as modalidades da existencia, permitia que elle arriscasse impassivel a vida dos seus soldados nas guerras que empreendia a frio, sem a impetuozidade de um grande guerreiro profissional, mas com a serenidade de um jogador de xadrez movendo as suas pedras.

O absolutismo da sua ditadura concentrava nas suas mãos todos os poderes do Estado, ao ponto de não ter ministros e absorver pessoalmente os minimos detalhes da administração, reduzidos os seus secretarios, na fraze de Macaulay, á simples função de maquinas de copiar. Certo do seu poder incontrastavel, convencido de que fazia o bem do seu paiz, professava o mais absoluto desprezo pela opinião publica. Ao passo que não perdoava a mais leve critica aos seus maus versos, permitia a mais ampla liberdade de imprensa e de palavra, e os atos do seu governo eram censurados com muito mais dezassombro do que hoje são os do imperador

Guilherme pelas gazetas de Berlim. A medida do seu cepticismo a este respeito é dada na seguinte adoravel fraze: «O meu povo e eu chegámos a um acordo que nos satisfaz a nós ambos. Elle diz tudo o que quer, e eu faço tudo o que entendo».

A separação absoluta entre a intelijencia e a vontade era o fundo daquelle espirito curiozo, e isto explica satisfatoriamente os paradoxos da sua vida. Assim pôde escrever o Anti-Machiavel e ser na pratica o mais perfeito cultor do machiavelismo dos tempos modernos. Professava pelo belo sexo os ardentes principios de galanteria do seu seculo, e rompeu na mais injusta das guerras contra Maria Thereza da Austria, joven rainha sem amparo e sem defeza. E ordenou que fosse maltratada pelo seus soldados a sobrinha de Voltaire.

No mais forte das pelejas, mesmo nas derrotas, divertia-se em fazer versos, e ao mesmo tempo trazia comsigo pilulas de sublimado para envenenar-se, si visse tudo perdido.

A formula preciza do seu carater deu-a, ao meu ver, Macaulay quando disse: «Em teoria, foi um filozofo francez, na pratica, foi um principe alemão».

Em Bayreuth

Passeiava eu, uma manhã de agosto, pelas ruas de Karlsbad, na beatifica dijestão do terceiro copo de agua do Sprudel, quando vi anunciada em um Banco a venda de bilhetes para a ultima reprezentação do *Parsifal*, que teria logar, no dia seguinte, no *Bühnenfestspielhaus*, de Bayreuth.

Acordaram-se-me os velhos sentimentos de admirador incondicional de Wagner. Tratei de obter os bilhetes, telegrafei para Bayreuth ao *Wohnungscomité* encarregado de obter apozentadoria para os que de improvizo pretendem fazer a peregrinação artistica, (pois, em geral, só conseguem hotel os que ficam em Bayreuth toda a estação) e, realizando o que muitos cavalheiros de pezo chamariam uma extravagancia, tomava no dia seguinte, com minha mulher, o trem especial que, vindo de

Marienbad, de Praga, de Viena, do fim do mundo, levava gente para a Meca da Arte.

Não exajerou quem primeiro chamou peregrinação á viajem que, todos os anos, de julho a agosto, fazem a Bayreuth os crentes da muzica wagneriana. Não sei mesmo si os famozos trens brancos de Lourdes transportam gente mais convencida do que os comboios, que, durante a estação muzical, cruzam a Alemanha e a Austria em demanda da pequenina cidade da Baviera, onde Wagner fez construir o seu teatro.

Debalde sucedem-se as lindas paizajens da Bohemia e da Franconia, cheias a perder de vista de dourados trigais maduros, cortadas por graciozos rios, bordadas por elegantes montanhas, penetradas fortemente da enerjica tonalidade do verão. Quando muito, lançam-se olhares distraídos pelas portinholas . . .

Todos, porém, absorvem-se na leitura atenta do poema, da partitura, dos mil comentarios em todas as linguas cultas, que constituem a, já hoje extensissima, bibliografia wagneriana. Que não é possivel entender qualquer das peças do grande artista, sem estar préviamente saturado de toda a empolgante poezia da lenda, sem ter uma idéa prévia da significação dos principais *Leit-motiven* e melodias, sem haver lido varias vezes todo o poema, sendo possivel no orijinal, mas ainda assim tambem em boa tradução, tão diverso é o alemão de Wagner do comumente uzado na linguajem vulgar.

Ao chegarmos a Bayreuth tinhamos o cerebro cheio da maravilhoza lenda de Parsifal, revividas em cinco horas de trem, as reminiscencias de leituras anteriores. Eram a purissima corporação do Gral guardando no inacessivel pico de Montsalvat as preciozas gotas do sangue de Christo; o infeliz Anfortas, arrastando humilhado a sua incuravel ferida, produto do desfalecimento humano que o rebaixára aos olhos dos cavalheiros de quem era o chefe; o valente e honesto Gurnemanz anceiando pela redenção do Burgo sagrado; o insidiozo Klingsor, expulso do virtuozo gremio e perdido em combinações diabolicas para chamar á sua infernal mizeria os antigos companheiros; a misterioza Kundry, ora deslumbrante fada ao serviço dos terriveis sortilejios de Klingsor, ora humilissima serva dos cavalheiros do Gral, expiando o crime milenario de ter escarnecido do Christo moribundo, quando em outra incarnação fôra Herodiades; finalmente, Parsifal, o *casto louco,* que inconciente do seu destino, é levado ao Gral sem nada lhe perceber da sublime missão, para depois, triunfando dos bruxedos de Klingsor, do amor de Kundry, das seduções das flores encantadas, da violencia dos cavalheiros do mal, reconquistada a lança cuja perda fazia a dezolação do Burgo sagrado, voltar ao Cenaculo, tomando o seu logar de chefe do Gral, mas sem deixar um momento a suave piedade, com que perdôa ao rei deposto e á velha pecadora arrependida, realizando o formozo lema, traduzido pelo

epilogo sinfonico: «O Dezejo é forte, mas a Rezistencia é mais poderoza».

E, assim, inteiramente embebidos na majia empolgante do poema, entrámos em Bayreuth e na realidade da vida, quazi ás 3 e $^3/_4$, quando o teatro devia começar impreterivelmente ás 4 horas da tarde. O tempo de saltar do vagão, inquirir do pouzo que nos era destinado, fazer uma rapida ablução, ir á procura dos bilhetes de entrada, e já era quazi hora de começar o espetaculo. Já os retardatarios corriam apressados pela grande avenida que leva ao teatro. Senhoras acabavam nos carros o seu vestuario, cavalheiros iam compondo o laço da gravata. A senhora que nos hospedou, o livreiro depozitario dos bilhetes e toda a sua familia, os policiais que encontravamos de serviço, os proprios passantes, nos incitavam enerjicamente, uns por palavras, outros por gestos, a correr sem detença para a *Festspielhaus*. Toda aquella população vive do respeito á memoria do Mestre, e sabe que ás 4 horas da tarde o espetaculo deve impreterivelmente, implacavelmente, começar.

O nosso carro voava pelas empoeiradas alamedas de *Bürgerreuterstrasse*, e mal chegavamos, entregavamos os nossos bilhetes ao porteiro, entravamos na nossa fila de cadeiras, e tomavamos os nossos logares, fazia-se no teatro a mais completa escuridão, e irrompiam do *abismo mistico* (nome dado á orquestra do teatro de Wagner) os primeiros acórdes do preludio. Eram quatro horas em ponto!

*

* *

Não pretendo contar o que em uma opera banal, da feição antiga, se poderia chamar o enredo da peça. Muito menos é minha intenção descrever a partitura do *Parsifal*. Não sei uma nota de muzica, e sou incapaz de reproduzir o mais insignificante trecho muzical. Alisto-me, porém, com toda a sinceridade, entre aquelles admiradores intuitivos, classificados por um critico wagneriano, que inteiramente ignorantes de muzica, deixam-se possuir completamente pelo poderozo influxo do Mestre, sem lhe perceber as delicadezas tecnicas, e tocados do mais extraordinario entuziasmo, não sabem explicar nem aos outros nem a si mesmos as verdadeiras cauzas da sua comoção estetica.

Começam a desfilar os belos tipos lendarios a que Wagner deu um sopro de vida imortal. Dezenrolam-se os epizodios do majestozo poema. Sucedem-se os *Leit-motiven* iluminando a cada passo as situações de espirito das varias personajens. Onde, porém, a sujestão artistica chega ao seu auje é quando Parsifal, guiado pelo velho Guernemanz, sai em demanda do Burgo sagrado. A platéa está, como é de rigor em Bayreuth, na mais completa escuridão. A orquestra, colocada em nivel inferior ao palco e á platéa, é completamente invizivel ao

assistente, cujo raio vizual sómente tem o palco como unica e forçada diretriz. O silencio é absoluto.

Então começam as duas personajens a andar, e a cena vai-se mudando gradualmente com elles, em virtude de telas que se vão sucessivamente enrolando e dezenrolando em bobinas verticais. Atravessam um longo dezerto, sobem montanhas penhascozas, marjeiam invios desfiladeiros, tudo isso traduzido literalmente no intensissimo colorido da orquestração, de que a sinteze final exprime a resposta de Gurnemanz, á pergunta admirada de Parsifal sobre a rapidez do caminho percorrido: *Zum Raum wird hier die Zeit.* O tempo aqui transforma-se em espaço.

Ouvem-se os sinos do Gral em admiravel *crescendo* de orquestra. Avistam-se as extensas galerias do Burgo, entra-se no subterraneo e penetra-se numa vasta sala, fartamente iluminada, onde se acham reunidos todos os cavalheiros, em torno á meza em que se deve celebrar a Ceia mistica.

Sujestionado pela muzica, penetrado pela lenda, sem nada que lhe desvie a atenção, o espectador acompanha, ofegante, a longa viajem, e, completamente despersonalizado, *chega tambem* ao Gral, como si elle proprio estivesse em cena a seguir as pegadas dos dois peregrinos. Nunca senti, de fórma tão poderoza, a comoção artistica, no teatro.

Cai o panno, ou por outra, fecha-se o velario. Acende-se a eletricidade, e póde então a gente lançar um olhar inquiridor pelo teatro e auditorio.

Em Bayreuth não ha camarotes. Quazi todos os logares são cadeiras na platéa, á qual dão franco acesso seis portas de cada lado e trez nos fundos. Em plano superior, e nos fundos, uns poucos logares, denominados *Galeria dos Principes*, destinados aos soberanos da Baviera, e estranjeiros, á viuva de Wagner e seus convidados, e, o que sobra, aos bilionarios americanos que os pagam a pezo de ouro. De um e outro lado da sala, nada... Severas colunas doricas e paredes núas.

Os trajes femininos são os mais heteroclitos que se podem imaginar. Senhoras que assistiram ao espetaculo com o chapeu no colo, como aliás é uzo nos teatros alemães, colocam-no apressadamente na cabeça. Nada de binoculos pela sala. Todos tratam de sair, para trocar impressões, arejar, dezentorpecer as pernas, pois cada ato dura de uma hora e meia a duas.

Nos homens vêem-se os mais disparatados vestuarios. Desde a rijida cazaca e o impecavel peito de camiza do sudito britanico para quem ouvir Wagner, mesmo ás 4 horas da tarde, pede *evening dress*, pois é teatro e acaba depois do sol posto, até o comodo *smoking*, admiravel mediador plastico para estes cazos dificeis, passando pela farda do oficial, pelo traje de viajem coberto de pó dos que da estação foram logo ao teatro, mesmo pela bluza do operario ou do camponez, porque a viuva de Wagner dispõe de um certo numero de bilhetes, que distribui pelas pessoas pobres.

Toda esta gente, á luz do sol que vai morrendo sobre as arvores do esplendido parque, fala todas as linguas do mundo, comenta o que acabou de ouvir, bebe quantidades respeitaveis da escura e saboroza cerveja de Munich, e corre ás pressas para o vasto galpão que é o restaurante do teatro, afim de marcar logar na meza redonda, que será servida no intervalo seguinte.

Toca a fanfarra de chamada, repetindo sempre motivos da peça do dia. Precipitam-se os espetadores na platéa. Faz-se escuro. E dezenrola-se, forte e sujestivo, o segundo ato, com a encantação de Klingsor que evoca Kundry, a qual emerje deslumbrante das profundezas, através de uma aureola de vapores azulados.

Transforma-se a cena em primorozo jardim, de gigantescas flores tropicais, em que as filhas do mal, meio flores, meio mulheres, põem á prova a castidade de Parsifal. Vem a cena entre Kundry e Parsifal, e a luta deste com Klingsor, cuja lança, vibrada sobre o joven heroe, descreve uma longa parabola em cena, sem sustentaculo aparente, e vai parar inerte sobre a cabeça de Parsifal, movimento admiravelmente traduzido pela orquestra em um harpejo que imita o ruido do ferro atravessando o ar. Parsifal pega da arma, traça com ella um largo sinal da cruz, e caem por terra os artificios de Klingsor, com todos os jardins, palacios, e fadas encantadas. Sai o heroe á procura do Gral, e os espectadores, restituidos ás mizerias do mundo, saem

tambem á procura do jantar, lembrados de que já deram sete horas.

O jantar no vasto *hall* do restaurante é tal qual o de uma *table d'hôte* de caminho de ferro. A mesma sopa quente que os inespertos aceitam e não passam della, o mesmo invariavel *menu*, a mesma pressa em servir e comer, até os mesmos americanos ricos que em mezas separadas dão-se ao luxo de comer o mesmo que os outros, regado com champagne, pelo decuplo do preço. Apenas, em vez de horarios dos trens, vêem-se abertos sobre as mezas libretos de Parsifal.

Vem o terceiro ato com a cabana de Gurnemanz, a volta de Kundry combalida pelo remorso a repetir a palavra *Dienen* (servir), e o aparecimento de Parsifal, de posse da lança sagrada, o qual é ungido pelo velho cavalheiro, emquanto Kundry, qual Magdalena com o Christo, lava-lhe os pés e enxuga-os com os cabelos. Saem os dois em demanda do Gral, e desdobra-se novamente o cenario do primeiro ato, mas desta vez da direita para a esquerda, pois agora estamos na vertente oposta do Montsalvat.

Entra Parsifal no Santuario, sára com o toque da lança a velha ferida do Rei e ergue em holocausto o sacrario que contêm o Gral, emquanto uma alvura deslumbrante invade o palco, e uma pomba se lhe vem pouzar sobre a cabeça.

*

* *

E' 9 $^1/_2$ da noite. Procurámos apressados a caza de Frau Jette Slevogt, em Bahnhofstrasse. A nossa hospede não nos dá luz eletrica, nem gaz, e sim uma modesta candeia de querozene. Não tem luxo, nem primores. Tem porém o classico asseio das donas de casa alemãs, mostra-nos os retratos da familia, chora ao falar de um filho que perdera, e supre as faltas possiveis com a qualidade exprimida na intraduzivel palavra *Gemütlichkeit*, que sómente póde bem entender quem passou, pouco tempo que fosse, nesta doce Baviera.

No dia seguinte, um rapido passeio pela cidade, as obrigatorias vizitas a Wahnfried, a casa do artista, em cujo jardim repouzam os seus ossos, e ao cemiterio onde estão os tumulos de Litzt e de João Paulo Richter.

A's 9 $^1/_2$ da manhã, partiamos em um trem, cheio de espectadores da vespera. Ainda eram os comentarios sobre a reprezentação, ainda eram as brochuras, os livros, as revistas sobre Wagner, ainda eram os programas da noite passada, ainda era essa Franconia, que Wagner percorreu, palmo a palmo, meditando as suas obras ou procurando um logar para construir o seu teatro.

Pára a locomotiva... Avista-se a alta barretina

de um soldado austriaco. Vozes asperas gritam imperiozamente: *Umsteigen! Zollvisite!* E' Eger. E' a Austria. E' a vizita da alfandega. E' a mudança para o trem comum, que nos deve levar a Karlsbad, cheio de ferozes *touristes* municiados de Baedekers de precizão. E' a volta doloroza ás mizeras realidades da vida quotidiana...

O dia de um doente em Karlsbad

KARLSBAD é a Lourdes dos hepaticos, e o sistema é ali tão diverso das demais cidades de aguas do Brazil ou da Europa, que o dia de um *Kurgast*, ou *aquatico*, como se diz entre nós, merece ser contado.

Sente-se a mão ferrea de um tratamento despotico, que se apossa do individuo, apaga-lhe a personalidade, e, durante um certo numero de dias, transforma-o em insignificante unidade no meio de uma legião de outros, que vão pedir a saude áquellas aguas milagrozas. Uma verdadeira entrozajem absorve as minimas parcelas da vontade do doente, regulando as suas horas de sono, repouzo, alimento e exercicio, por tal fórma, que o menor descuido transtorna completamente o dia inteiro.

Este rejimen rigorozo está muito longe de ser imposto brutalmente, e ninguem, nem os medicos, obriga materialmente quem quer que seja a observal-o. A vida, porém, é organizada de modo tal, que o individuo, desde os primeiros dias, adere, por sua livre e espontanea vontade a todas as exijencias da cura.

Nunca senti como ali a verdade do velho conceito do filozofo, definindo a lei uma limitação de liberdade, que os seres livres impõem a si proprios.

A primeira obrigação de todo o doente em uzo das aguas é acordar cedo, isto é, entre 6 e 7 horas da manhã. Os menos matinais são forçados a quebrar os seus habitos, sob pena de verem o primeiro almoço adiado para horas inconcebiveis. Com efeito, as aguas tomam-se em jejum, e em geral bebem-se trez copos, com intervalos de 20 minutos, só se podendo tomar alimento uma hora depois do ultimo copo.

Não ha, pois, remedio sinão pular da cama, enfiar um sumario traje de verão (quando a chuva não exije todo um arsenal de impermeaveis) e marchar para as colunadas de Mühlbrünn ou do Sprudel, já munido de um copo de cristal da Bohemia, que se uza a tiracolo, pendente de uma fita de couro.

*

* *

Nas duas colunadas, onde se encontram as varias fontes de diversa composição e temperatura, junta-se a mais variegada e heterojenea população que é possivel imajinar. Gente de todas as raças, idades, sexos e condições sociais circula pelo vasto lajedo, entre as belas colunas de marmore, bebericando agua morna ou á espera que lhe chegue a vez de aprezentar o copo á *Fraülein*, encarregada de dar de beber a quem . . . não tem sêde.

Bandos garrulos de parizienses, severos e rubros alemães de todas as procedencias, imperturbaveis inglezes, loquazes italianos e hespanhoes, americanos do norte e do sul, de maior ou menor grau de autenticidade, passam e repassam constantemente. Aqui, grupos compactos de judeus da Galicia, de aspeto repelente, com suas longas rabonas pretas, chapeus de feltro de abas largas, narizes aduncos, barba esqualida e cabelo caindo em fórma de sacarolhas pelas orelhas abaixo.

Adiante, russos, polacos, rutenos, e mais gente slava, falando misteriozamente coizas que a gente não entende, lendo livros e jornais cujos carateres zombeteiros parecem figuras de enigmas pitorescos. E não faltam magnificos negros americanos, bronzeos rajás da India, espetaculozos filhos do Celeste Imperio.

Militares de todas as patentes e uniformes circulam pelas fontes, pois, em Karlsbad ha nada menos de dois sanatorios para as classes armadas. E o pintalgado vestuario do exercito austriaco fornece ao espectador o mais estupendo delirio de côres e trajes que é possivel imajinar.

São ulanos, hussares, madjiares, croatas, bosnios, que sei eu mais, que circulam a cada momento, estes com umas monumentais barretinas, que mais parecem cartolas, aquelles com uns complicados bonés de pêlo, outros com o fez dos musulmanos.

Por um requinte de vaidade bairrista, os varios habitantes do paradoxal imperio austro-hungaro capricham em vestir os seus pitorescos trajes locais. E são os polacos, os tirolezes, os hungaros, os tchéques, cada qual com a sua fórma de roupa e de chapeu, arvorando em plumas e tópes multicôres os distintivos rejionais.

E toda esta gente, de 6 ás 8 horas da manhã, move-se em torno ás fontes, sempre na mesma direção (pois a cada passo um policial grita: *rechts gehen*), conversando, lendo os jornais de toda a Europa, que ali se vendem, e ouvindo tocar variações e *pots-pourris* de todas as operas, deliciozas valsas vienenses, e marchas, a cujo compasso desfilam os bebedores.

Neste espetaculo, sempre novo, pois todos os dias chega gente e sai gente, passa-se insensivelmente o tempo, e absorvido o terceiro copo de agua, cada um vai á procura do primeiro almoço.

*

* *

Compram-se numa padaria especial pães e biscoitos, e de lá vai-se a um salchicheiro, o anafado Pöltz, mandar recheiar o pão de talhadas de prezunto fresquissimo de Praga, sem gordura. E todos os *Kurgäst*, senhoras, diplomatas, estadistas, simples operarios, carregados de sacos de papel encarnado (a côr que a elegancia de Karlsbad recomenda) percorrem a principal rua da cidade, *Alte Wiese*, cheia de luxuozas lojas, parando nos mostradores, á espera de completar a hora regulamentar em que se abanquem em qualquer dos magnificos restaurantes da cidade ou das montanhas circumvizinhas, para o dezejado primeiro almoço.

A gôlpes de *bitte* e *danke schön*, reziste-se ao assalto das criadas, cada qual com o nome ou o numero pregado no corpete em fórma de broche. Escolhido um numero ou um nome, é aquella que ha de trazer o resto do almoço, do qual é rigorozamente banida a nossa querida rubiacea.

Não ha sinão dezembrulhar o farnel e gozar tranquilamente do almoço, sob a varanda do hotel Pupp, ou á sombra dos castanheiros do Posthof ou do Kaiserpark.

E já passa de onze horas da manhã. E' levantar o acampamento e correr para o Kaiserbad, um dos

mais luxuozos estabelecimentos balnearios da Europa, ou para o Kurhaus, tomar banhos de Sprudel ou de lama, fazer massajem ou ginastica sueca, aplicar cataplasmas de lôdo quente, seguir emfim qualquer dos tratamentos indicados.

Feito isto, resta ir para caza e esperar a refeição que os inglezes chamam *luncheon*, os francezes *dejeuneur*, e os alemães *Mittagessen*, palavra esta ultima que nós em portuguez traduzimos por jantar e cuja significação literal é refeição do *meio dia*. Deixando de lado discussões filolojicas, só sei dizer que essa refeição, em que se toma sôpa, faz-se entre meio dia e duas horas da tarde.

Depois, o protocolo recomenda repouzo, e, sendo possivel, uma pequena sesta, pois é a hora mais forte do calor.

A's quatro horas está todo o mundo na rua, escalando as montanhas á procura dos deliciozos abrigos, cheios de esplendidos restaurantes, onde em dias certos da semana, pelo preço de uma chicara de chá, ouvem-se esplendidos concertos de Mozart, Beethoven, Bach, etc., por magnificas orquestras de Viena.

Dece-se das montanhas, arranja-se o fato e vai-se jantar (ou cear?) no *Weishaupt*, ou no *Goldener Schild*, os restaurantes elegantes da cidade, onde se come admiravelmente, e o proprietario, um senhor respeitavel trajando *smoking*, vai de meza em meza perguntando aos convivas, entre rasgados *guten abends*, si estão satisfeitos e si precizam de alguma coiza.

Quando ha teatro, pois em Karlsbad ha uma excelente sala de espetaculo em que companhias de Viena levam operas e operetas, deixa-se a ceia para mais tarde. A reprezentação começa ás 6 horas da tarde e acaba ás 9 horas da noite.

A's 10 horas, o mais tardar, está toda Karlsbad patriarcalmente em caza. Fecha-se o *Kursaal* ou Casino, fecham-se as lojas, fecham-se os hoteis, apagam-se as luzes, dezaparecem os carros de praça que não observam mais tabela, passada aquella hora.

E a cidade inteira mergulha-se no mais profundo silencio.

O estranjeiro recem-chegado, que por habito notivago, entrar a deshoras em casa, já irritado com o echo dos seus passos solitarios nas ruas dezertas, encontra tanta dificuldade em chegar ao seu apozento, desde a má cara do porteiro até a falta de luz, que só uma vez cometerá semelhante loucura.

Não ha remedio senão dormir cedo para no dia seguinte acordar cedo, e repetir a mesma coiza durante as quatro semanas da cura.

Schœnbrunn

Por menos apreço que se dê á lenda napoleonica, é com o espirito perturbado que se penetra, em Viena, no velho castelo de Schœnbrunn, onde o pai entrou gloriozo e triunfante, e onde o filho acabou na obscuridade a sua vida inutil e torturada.

Percorrendo as alamedas silenciozas do parque, admiravelmente traçado no gosto francez do seculo XVIII, pensa-se instintivamente nas vezes que Napoleão as percorreu, acompanhado do seu brilhante sequito de marechais e principes, adulado pela aristocracia da velha rocha austriaca, festejado pela população, e pensando nas proclamações que redijia ao que elle chamava o seu bom povo de Viena.

Pelas mesmas alamedas entrava, poucos anos depois, a criança de quatro anos que ainda era o rei de Roma, destinado a padecer naquelle castelo um dos mais habilmente organizados suplicios morais de que fala a historia.

Quantas vezes, á sombra daquellas arvores, passou o principezinho, colhido em plena infancia nas malhas de uma politica implacavel, despojado dos seus titulos pelo Congresso, que funcionou em um edificio vizinho, cujo telheiro ainda hoje se conserva, e transformado pela pedagojia vienense, de filho do odiado *Buonaparte*, no tipo incolor de um principe austriaco de segunda ordem.

A dispozição do palacio e do parque ainda são as mesmas da época, como provam as gravuras do tempo. Lá estão as estatuas de marmore que o guarneciam, o grande tanque com a fonte monumental, a ruina romana, a famoza *Gloriette*, onde Napoleão jantava com os seus generais, emquanto as delegações dos madjiares esperavam, embaixo, as ordens de sua majestade imperador e rei, o quarto onde elle se hospedou e onde treze anos depois morreu o duque de Reichstadt.

Da *Gloriette* tem-se uma esplendida vista de Viena, que aparece com os seus antigos monumentos e belos edificios, e avista-se ao lonje a planicie de Wagran, onde se travou a grande batalha que abriu a Napoleão as portas de Viena e onde repouzam os ossos de perto de dez mil francezes.

*

* *

Dominador do mundo, humilhador dos monarcas, habituado a não ver limites aos seus sonhos de ambição desmarcada, alimentados por uma imajinação monstruozamente latina, que não pensaria elle quando ocupou, como senhor, os apozentos do imperador, que pouco depois teve que lhe dar sua filha em cazamento? Wagran, a ocupação de Viena, o cazamento com Maria Luiza, a entrada do antigo oficial jacobino no seio das dinastias do direito divino, de botas e esporas, com a mesma insolencia com que no 18 brumario havia entrado pela sala dos Quinhentos. Que caminho havia percorrido o obscuro tenente que commandara a fuzilaria nos realistas de São Roque!

Depois disto, vem o reverso. E' a celebre enfiada de derrotas e dissabores que Victor Hugo enumerou na sua conhecida poezia, e que, aos inimigos da guerra, aos que se não entuziasmam pela tempestade de sangue que Napoleão dezencadeou sobre a sua época, aparecem como a consequencia natural e lojica dos seus gravissimos erros, e mesmo crimes, para adotarmos a logomaquia do seu comparsa Tayllerand, depois seu perseguidor. Os amantes do neobonapartismo podem tecer elejias a Leipsick, a Waterloo, a Santa Helena. Tais

dezastres e infortunios não me comovem, nem aos que pensam que elles foram o merecido castigo do mais ouzado arranque de ambição testemunhado nos tempos modernos.

A propria lenda napoleonica que hoje começa a ser estudada por historiadores sem paixão politica, vai pouco a pouco, perdendo o seu antigo prestijio. Napoleão vai deixando de ser a especie de super-homem, ou semi-deus, a quem se acreditou capaz de ter inventado, de um só bloco, uma nação, um exercito, uma administração, um codigo, uma relijião, para remodelar a face do mundo. Tambem já vai deixando de ser o *bandido da Corsega*, objeto da inimizade pessoal e postuma de uns tantos escritores, que, por extremo oposto, lhe negam todas as qualidades morais e intelectuais que o possam recomendar á posteridade.

*

* *

Como quer que seja, quando se está em Schœnbrunn, é no pai que se pensa, e na imensa tortura que lhe devia cauzar, em Santa Helena, o saber que a milhares de leguas de distancia, no meio dos seus mais temiveis inimigos, vejetava o seu filho, que elle suspeitava estar sendo educado com o espirito de um lealissimo ramo da casa de Hapsbur-

go, para exercitar, na função subalterna de principe sem futuro, a atividade que elle sonhara destinada ao imperio de Carlos Magno.

Tinha elle bem razão quando dizia preferir que o seu filho fosse degolado a ser educado em Viena.

Com efeito, o menino de quatro anos que, aos 27 de maio de 1814, entrou em Schœnbrunn, sob as aclamações populares, era altivo, voluntariozo, e tinha grande entuziasmo por seu pai. Comentando ao seu modo a Restauração, protestava contra Luiz XVIII, que lhe havia tomado os brinquedos, e, ao voltar da primeira entrevista com o avô, dizia ás suas aias que este não era simpatico.

Presto começa, porém, o serviço de transformação, que alterou o fundo e a fórma daquella alma, dando-lhe a feição que convinha aos interesses da Santa Aliança, com o mesmo acurado trabalho com que se dispuzeram, simetricamente, os galhos das arvores alinhadas nas alamedas do parque.

Pouco a pouco vão sendo despedidas as governantes, os amigos, os criados, todas as pessoas que falavam francez, e pudessem lembrar ao principe a sua orijem. A unica criada que restava, a dedicada Marchand, é despedida depois que conseguiu fazer chegar a Santa Helena uma mecha de cabelos do duque, por intermedio de um botanico do parque de Schœnbrunn, que acompanhou o emissario austriaco á ilha, onde um filho da criada era criado de Napoleão. Maria Luiza, atirada por seu proprio pai aos braços do repugnante Neipperg, foi afastada

de seu filho, e, dobrada ella propria aos desejos da côrte de Viena, não poderia, mesmo si lhe vivesse ao lado, contrabalançar os efeitos da educação austriaca!

O rezultado foi o que fatalmente devia acontecer. As poucas gotas de sangue napoleonico que lhe podiam circular nas veias, foram de todo eliminadas, e o que ficou foi um joven e insignificante Hapsburgo, sem relevo e sem historia, que terminou tristemente a sua curta vida, naquelle quarto do castelo, a 12 de julho de 1832, minado, com tantos outros da sua familia, pelos vicios hereditarios que implacavelmente pezam como uma fatalidade historica sobre o empobrecido sangue da Caza da Austria.

Tudo esqueceu, desde o espirito napoleonico até a lingua. Ignorava o sentimento francez, e teve que aprender na adolecencia a lingua de seu pai, que falava mal e escrevia peior, deformando-a com a tradução literal do estilo e torneio alemães, reproduzindo os caracteres latinos com a dificuldade de quem aprendeu a escrever em caligrafia alemã.

Tudo o que se pensava em França lhe era completamente estranho, indiferente, e seria até hostil, si o seu estado de quazi imbecilidade lhe permittisse formar idéas gerais de certo momento. Tinha de seu pai uma noção vaga e respeitoza. Achava-o um grande guerreiro, mas comparava a sua sorte á de um anonimo general austriaco, que por faltas diciplinares morreu prezo em uma forta-

leza, e em carta a Neipperg lamentava a infelicidade de dois homens tão parecidos!

Esta correspondencia com o amante de sua mãi tiraria qualquer duvida a quem a tivesse. Para compreender que elle era um pobre principe austriaco, que tivera a infelicidade de ser filho de um francez, mas que no fundo continuava a ser austriaco, basta atender á fórma, ao estilo e ao fundo deste trecho de uma carta escrita aos dezesseis anos: *Tous les motifs imaginables doivent m'inspirer le désir de me perfectionner et de pénétrer les difficultés d'une langue qui est devenue á ce moment-ci, pour moi, la plus essentielle de mes etudes, puisque c'etait elle que mon pére s'est servi pour commander dans toutes ses batailles où il a glorifié son non et dans laquelle il nous a laissé le souvenir le plus instructif dans ses memoires incomparables sur l'art de la guerre, et parce que c'est sa volonté qu'il a exprimée jusqu'a ses derniers moments, que je ne doive méconnaitre la nation entre laquelle je suis né.*

Que je ne doive meconnaitre la nation entre laquelle je suis né. Eis tudo o que lhe ficou no espirito da enerjica recomendação do testamento de Santa Helena, onde Napoleão lhe ordenava que adotasse a sua divisa: *Tout pour le peuple français.* Elle declara, num tristissimo solecismo, que não *desconhecerá* a nação franceza!

Que resta, pois, da lenda do Aiglon? Póde Isabey procurar nos seus retratos os traços fizionomicos de Napoleão. O que ficou foi a linha inex-

pressiva da Caza da Austria, nos retratos feitos em Viena, que Carolina Murat achou parecidissimos.

Póde Rostand reeditar as velhas metaforas de 1830, e copiar com escrupuloza exatidão o quarto, o parque, a Gloriette de Schœnbrunn. E' sómente isso o que ha de exato no seu drama. Tudo mais é falso e contrario á verdade historica.

Quem morreu em Schœnbrunn, não foi o Aiglon, de quem apenas resta, em Viena, o berço de oiro, guardado no palacio imperial. Foi pura e simplesmente o principe austriaco *Franz Joseph Karl*, cujo tumulo, na velha igreja dos Capuchinhos *de Neuer Markt Platz* confunde-se na mesma mediocridade dos de tantos outros que ali estão sem lenda e sem historia.

A Cidade do Sonho

VENEZA é a unica cidade do mundo onde o viajante, possuido do deliciozo encanto da lenda, si quizer abrir mão de uns tantos preconceitos que o pedantismo retorico tem vivido a acumular, póde engolfar-se á vontade no pleno dominio do sonho.

Nada de preocupações eruditas, nem de excursões arqueolojicas.

A cidade, emerjindo do mar com a sua rendilhada tiara de igrejas e palacios, explica-se pelo que é atualmente. A sua arquitetura, multiforme, delirante, extraordinariamente compozita, desconcerta os sabios organizadores de sistemas e estilos irredutiveis.

Sabe-se vagamente que ha um gotico veneziano, um bizantino veneziano, um renacença veneziano, mas que nenhum delles se encontra sózinho em monumento algum, e que Ruskin escreveu trez

volumes, tentando classificar o que elle chamava *as pedras de Veneza*. E' quanto basta para se admirarem sem rezerva as estridentes cupolas de S. Marcos, a delicioza complicação do palacio dos Dojes, a gracioza harmonia das *Procuratie*, o indefinivel encanto da *Cá d'Oro*.

Não ha necessidade de profundas teorias esteticas para compreender a tonalidade forte e sensual da pintura veneziana. Basta olhar a riqueza de colorido, que dece do ceu, espalha-se sobre as variegadas cupolas e fachadas, reflete-se nos mil tons ondeantes da laguna, luta com a sombra nos meandros sinuozos dos canais ou das estreitissimas vielas, triunfa brutalmente á luz de um sol gloriozo.

Basta contemplar aquella população, pitoresca, sensual e elegante, alegre sem ruidoza vulgaridade, gozando serenamente dos encantos da vida, num feliz meio termo entre o fino sorrizo do florentino e a gargalhada estrepitoza do napolitano.

Encontram-se então, a cada passo, as suaves Madonas de Bellini, as fortes musculaturas de Mantegna, as ardentias ouzadas do genial Tiziano, os aspectos inesperados de Tintoretto, a mestria tumultuoza de Paulo Veronese, os admiraveis ceus dos Canaletos, os deliciozos paradoxos de Tiepolo.

Compreende-se bem como os pintores venezianos, com a retina a trasbordar das firmes impressões que receberam na patria, podem viver impunemente no estranjeiro, que lá continuarão a pintar o ceu, o mar, a arquitetura e a população de Veneza.

*

* *

A propria historia de Veneza é um conjunto de fantazia e de realidade, tão perturbador, como os caprichozos cambiantes do seu ceu ou da sua arte. E' uma cidade formada pela federação de umas dezenas de ilhotas, defendida do mar por uma estreita facha de dunas movediças, povoada por uma população empreendedora e altiva, que levou a enerjia natal até o mais lonjinquo oriente, de onde trouxe o pitoresco exotismo dos trajes, dos habitos, dos edificios, das embarcações.

E os fatos ocorridos, transformados pela lenda nos mesmos brilhantes reflexos com que as aguas da laguna transformam as imajens que nella se espelham, dão á historia uma feição deliciozamente artistica. Ao pensar no passado da grande republica morta, não ha quem não reviva com facilidade os gentis homens vestidos das suas ricas samarras; as damas trajadas de brocados tecidos a oiro e orlados de rendas de Burano, a dansarem em salas guarnecidas de espelhos filigranados e cobertas por tectos pintados por Palma Vecchio; os Dojes e os seus brilhantes sequitos, a decerem majestozamente a *Escada dos gigantes* ou a deliberarem na grande sala do conselho; o Bucentauro, empavezado de riquissimas alfaias, indo levar ao Adriatico o anel

simbolico dos esponzais do Doje com o mar: e as gondolas, tredas, velozes, sombrias, transportando, ao longo dos canais, delirantes aventuras amorozas ou tenebrozas maquinações politicas.

Por mais seco que se tenha o espirito, e despido de faculdade imajinativa, é assim que se pensa na historia veneziana, toda ella uma combinação em côres cambiantes de alegrias transbordantes e de trajicas tristezas, em que o rizo, as lagrimas e o ranjer de dentes passaram juntos á posteridade, no mais dezordenado tumulto.

Mas a Veneza que enche a imajinação do viajante moderno é a Veneza dos poetas, que a souberam amar e compreender, sem lhe procurar em linhas geometricas a vaga expressão dos contornos, e conservaram intacta a vizão perturbadora, indefinida e vaporoza, que ella impõe a quem a contempla, por uma bela tarde de outono, vendo o sol incendiar a fachada do palacio dos Dojes, projetar os seus ultimos raios sob o sombrio arco da ponte dos Suspiros, e sumir-se num espasmo sanguinolento por traz da Cupola de S. Giorgio Maggiore.

E' o deliciozo ninho dos amores de Byron e Musset, a cidade, a que Shelley chamava a patria dos desterrados, onde Browning fixou a sua rezidencia, onde Wagner exhalou o ultimo suspiro.

Para que mais se lhe realce o encanto, tem Veneza, na sua silencioza distinção, a aureola do martirio na existencia moral e fizica. Longo tempo foi a unica cidade italiana livre do dominio estran-

jeiro, para depois ser, durante longo tempo, a unica que suportava jugo estranho.

A sua vida é constantemente ameaçada pelo mar que, lentamente, insidiozamente, surdamente, vai-lhe corroendo os fundamentos, dezagregando o sub-solo, minando os edificios, e fazendo temer o dia terrivel em que, submerjido todo aquelle deslumbramento, não tenha o futuro vizitante que contemplar, sinão o azul esverdeado do ceu, revendo-se no fremito glauco da laguna morta. E' o que dizia Byron, quando vaticinava, horrorizado, o momento dolorozo em que todas as nações do mundo houvessem de chorar os palacios de marmore submerjidos sob o mar impetuozo:

Oh Venice! Venice! when thy marble walls
Are level with the waters, there shall be
A cry of nations ver thy sunken halls
A land lament along the sweeping sea!

*

* *

A vida da bela cidade é, pois, um longo sonho, atravessado por deliciozos arrepios de gozo, divinizado por imajens celestiais, realçado pelo soberbo quadro de uma natureza suavemente melancolica, animado pela recordação luminoza de um passado

brilhante, e torturado por tetricos e apavorantes pezadelos.

Para poder gozal-o, com toda a sua intensidáde, é precizo tomar uma gondola e deixar-se vogar pelo canal, sem cicerone, sem Baedeker, sem outras explicações, além das fornecidas pelo loquaz gondoleiro, cujas palavras se perdem, a meio, no marulho da agua cortada pela recurva proa.

Vêem-se as fachadas dos palacios, sem inquirir do seu destino atual, vêem-se as igrejas que fecham o horizonte, adivinha-se a população que passa nas ruas, tão estreitas, que os cotovellos tocam nas paredes, cruzam-se constantemente as outras gondolas. Naquelle silencio relijiozo, sob a reverberação radiante de uma luz que se esbate nas mil facetas do canal, a gente sonha a Veneza antiga, com a sua vida resplendente de luxo e de galantaria, tantas vezes pintada em quadros, que reproduziram aquelle mesmo cenario, com aquelle ceu, aquelle mar, aquelles palacios, aquellas gondolas, aquella gente.

Não procuremos saber a historia de cada palacio, nem explicar a anomalia das construções.

Nem siquer, á meia distancia em que estamos das marjens, tentemos ler os letreiros ou os escudos, indicativos de que muitos destes palacios são hoje cazas comerciais, hoteis, ou repartições publicas.

Reclinados na gondola, vendo passar os belos edificios, cujas denominações propozitalmente deixámos ignoradas, revivamos a historia da antiga

Veneza, mas uma historia, vaga, indeciza, sem datas nem nomes proprios, possuida daquelle adoravál anacronismo que fazia Sansovino misturar no mesmo edificio os mais disparatados estilos, ou Paulo Veronese encher de patricios venezianos as suas cenas biblicas.

Si quizermos dezembarcar, tratemos de fujir ao que importunamente nos possa chamar ás bruscas realidades da vida. Evitemos a Praça de S. Marcos, com os seus pombos banais alimentados por estranjeiros ainda mais banais, com o tapamento e os andaimes das obras de reconstrução do *Campanile*, com os cafés onde os burguezes lêem os jornais do dia, com as lojas onde os caixeiros falam inglez, com as ajencias da odioza empreza Cook, com as bandas de muzica militar, com os mil aspectos vulgares e incolores da vida moderna, que destoam dolorozamente dos lindos edificios da praça, do esplendor exotico da igreja, dos altos mastros em que outr'ora flutuava o pavilhão dos Dojes e onde tremulam hoje as trez côres do Reino de Italia.

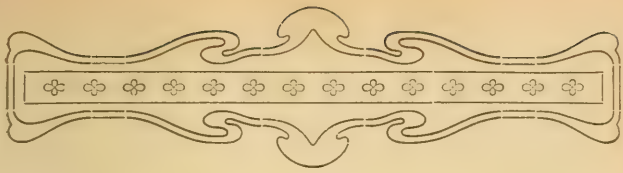
Sigamos, porém, uma daquellas ruas estreitissimas e tortuozas, detenhamo-nos diante de uma vendedora de flores, paremos em frente a uma cazinha de frituras ou a uma humilde tenda de escultor sobre madeira, percamo-nos no dedalo dos becos, das pontes e das pequenas praças, de onde se não póde sair sem perguntar o caminho.

Entremos nas velhas e sombrias igrejas para contemplar, aqui uma estatua de Verrochio, ali

um fresco de Tiziano, adiante um altar de Sansovino.

Passemos o Rialto, e penetremos na Academia de Pintura.

E continúa o sonho da luz, da côr, do movimento, vago, deslumbrante, irizado, como a Veneza que deixámos lá fóra...



Diante da Ceia de Leonardo

Ao lado da pequena igreja de S. Maria delle Grazie, em Milão, a humanidade assiste, ha quatro seculos, ao espetaculo tristissimo da morte de uma obra prima, uma das mais soberbas e completas producções da pintura, á conhecida Ceia do Senhor, de Leonardo da Vinci.

E' dolorozo ver como a ruina vai aumentando lenta, cruel e progressivamente.

As figuras se vão apagando, as côres vão desmerecendo, o salitre da parede mantem constantemente a humidade, os fragmentos de tinta cada dia se dezagregam, e o conjunto oferece o aspecto de uma desgraça absolutamente irremediavel.

Leonardo, obedecendo aos seus instintos de reformador e de revoltado, recuzou-se a pintar a fresco a pintura que lhe fôra encomendada para a parede do refeitorio dos dominicanos.

Preferiu pintar a oleo, segundo um processo de sua invenção, que lhe permitia os continuos retoques, incompativeis com a pintura a fresco. Infelizmente, essa invenção trazia em si a morte da pintura, como aconteceu, além da Ceia, a outros trabalhos do mestre.

Cincoenta anos depois de concluido, começou o quadro a manifestar os sinais da ruina que o degrada.

A humidade da parede, a vizinhança da cozinha, que projetava fulijem e fumaça, e uma inundação, que encheu de agua a sala do refeitorio durante alguns dias, reunidas á acção corroziva do tempo, já bastavam para destruir o quadro, cuja compozição trazia em si os elementos da morte.

Veiu ainda a estupidez humana, mais cruel que a fria impassibilidade dos ajentes naturais, apressar a ruina completa da obra, ante a qual toda a arte e ciencia dos tempos atuais se confessam impotentes. Foi assim que os frades principiaram por abrir uma porta na parede, sacrificando parte da meza, bem como as pernas do Christo e de alguns dos apostolos. Houve pintores que se meteram a retocar o quadro, emendando, borrando e raspando. Os soldados de Bonaparte, na invazão de 1796, instalaram no refeitorio as cavalariças e divertiam-se em alvejar as cabeças dos apostolos, deixando vestijios que ainda foram observados por Stendhal. Finalmente, vieram viajantes que não rezistiram ao prurido idiota de arrancar pedacinhos da parede para formar estupidas coleções.

Ha anos o governo italiano mandou fechar o Cenaculo, hoje monumento nacional, e encarregou uma comissão de artistas de estudar os meios tendentes a impedir a completa ruina.

A comissão opinou, honestamente, pela conservação do *statu quo*, atenta a impossibilidade de retocar o quadro ou removel-o para logar mais adequado.

Reabriu-se, pois, ao publico o Cenaculo vinciano. Hoje não ha sinão assistir rezignadamente á cruel dissolução, que vai lentamente matando o corpo da bela pintura.

*

* *

Digo o corpo, porque a Ceia tem uma alma, e esta verdadeiramente imortal, como todas as grandes creações da arte. Com efeito, de todas as Ceias do Senhor, que inspiraram tantos artistas, antes e depois de Leonardo, nenhuma encarou tão bem a cena, que constitue um dos mais dramaticos epizodios da lenda cristã, como a pintura, que hoje vai ingloriamente morrendo na parede de S. Maria delle Grazie. Tão conhecida é ella de todos, que quem quizer reprezentar a Ceia, basta fechar os olhos, para ter, consciente ou inconscientemente, a imajem da obra de Leonardo.

Aliás, as boas cópias abundam, grande parte quazi contemporaneas, ou pelo menos feitas em época em que a destruição não tinha chegado ao estado atual. Existem tambem esboços do proprio Leonardo, em varios muzeus da Europa, e, principalmente, conserva-se na Brera de Milão um admiravel dezenho da cabeça do Christo, de tal expressão e suavidade, que poderia servir de ilustração ao tipo de Christo idéado por Ernesto Renan.

Desde a Renacença, de que elle é talvez o mais tipico produto, tem sido o quadro amplamente comentado e analizado. Os mais belos espiritos de então para cá têm-lhe dedicado pajinas inolvidaveis. A alma do quadro está, pois, tão espalhada e difundida pelo mundo, que ao penetrar-se no humilde refeitorio dos dominicanos, tem-se apenas a impressão de assistir á lugubre agonia dos mizeros vestijios do corpo. Insensivelmente a gente piza nas pontas dos pés, como ao prezenciar os ultimos momentos de uma pessoa. Com o olhar angustiado, procuram-se avidamente, e em silencio, os restos apagados das figuras tão familiares, e passada a primeira impressão de frio mortal, deixada pelo conjunto, o exame das minudencias abate o espirito, ao pezo de uma irremediavel catastrofe.

Poucas fizionomias dos apostolos conservam-se ainda com apreciavel nitidez. Judas, coberto de uma crosta esverdeada, toma uma expressão tetrica, que mais lhe realçam o olhar turvo e a longa barba sombria. Dois apostolos, um á direita

e outro á esquerda do Christo, com as bocas grotescamente mutiladas, contorcem o rosto numa caricatura horripilante e macabra. No centro, a figura do Christo, amarelecida e apagada, dilue-se numa especie de nimbo, a que servem de sombra os lamentaveis restos da paizajem do fundo.

Sómente as mãos da maior parte das personajens conservam ainda quazi intacto o antigo vigor, a que Montaigne dedicou um belo capitulo. No momento em que o Divino Mestre, no meio dos seus discipulos, diz com toda a serenidade que um delles o traía, Leonardo da Vinci procurou pintar o efeito dessa subita revelação em cada uma das doze almas ali reunidas. E, uma vez que hoje, no estado atual do quadro, é dificil ler a expressão das fizionomias, umas apagadas, outras transformadas grotescamente, as mãos, quazi todas intactas, revelam a ajitação que ia pelos discipulos. Umas levantam-se para protestar, outras rompem enerjicamente em gestos de vingança, outras interrogam, outras duvidam. As de Christo, divinamente serenas, procuram acalmar a ajitação, sem adiantar, porém, esclarecimento algum sobre o nome do traidor. As de S. João, num suave abandono, unem-se, talvez para orar. Judas, com uma mão aperta convulsivamente a bolsa que contém o premio da traição, e estende a outra num gesto hipocrita de interrogação ou de defeza.

De todo aquelle conjunto de destroços destacam-se admiravelmente aquellas mãos que falam.

*

* *

Eis tudo o que resta da obra prima, á qual Leonardo da Vinci consagrou doze anos de trabalho e meditações. Estranha sorte a do grande artista que, mais que todos os outros, encarnou o genio da Renacença. As suas grandes obras dezapareceram. Da Ceia, deploravelmente mutilada, restam os mizeraveis vestijios que acabamos de ver. O colossal monumento de Francisco Sforza nem chegou a ser fundido. O modelo em argila, exposto na Piazza del Castelo, foi destruido pelos soldados de Luiz XII de França, quando invadiram Milão. O grande quadro da batalha de Anghiari, com o da guerra de Pisa, pintado por Miguel Angelo, em concorrencia provocada pela *Signoria* de Florença, depois de ter ficado longo tempo como *escola do mundo*, na fraze de Benevenuto Cellini, dezapareceu completamente, com o seu rival.

Restam, porém, as suas admiraveis Sacras Familias e Madonnas: a sua Gioconda, cujo sorrizo enigmatico tem perturbado tantas gerações, esgotando os epitetos admirativos; os retratos das belas damas da côrte de *Ludovico il Moro*; e os dezenhos, bosquejos e estudos, em que se podem admirar a firmeza dos seus traços e a poezia do seu espirito.

Restam os admiraveis manuscritos, onde elle deixou gravada a sua alma poderoza de artista e de

pensador, antecipando descobertas recentes de fizica e mecanica, precedendo a Bacon na aplicação do metodo indutivo, elevando-se, das mais precizas e arduas questões de matematica e de enjenharia, ás mais vertijinozas concepções da alta metafizica.

Quando a Renacença abria um novo derivativo ao ideal artistico, salvando-o da brutalidade sensual da vida de então com a volta pressuroza aos impassiveis modelos do helenismo, Leonardo da Vinci adivinhou o sentimento das gerações futuras, e, adiantando-se ao pensamento do seu seculo, teve a alma torturada pelos angustiozos problemas que ainda hoje nos perturbam, a nós, homens do seculo XX.

Entre os seus grandes contemporaneos, a originalidade do seu espirito destaca-se, unica.

Não foi um sombrio asceta como Miguel Angelo, nem, como Raphael, um cetico amavel e condecendente. Conservou-se nobremente pagão, atravez da dissolução dos tempos já então mal contida pelos Borgias e Medicis que ocuparam o Papado. As suas pinturas relijiozas revelam um pensamento mais alto do que o estreito simbolismo do dogma catolico, pois os seus Christos são homens divinizados, e as suas Madonnas são verdadeiras mãis, idealizadas pelo amor. O seu pensamento exclue a revelação, nem se lhe encontram em toda a obra, excluzivamente humana, os anjos, os resplendores, os paraizos, e mais simbolos mitolojicos, a que não escaparam outros pintores do maior momento.

A cada passo resalta a mestria do seu pincel

independente, penetrado de um largo naturalismo, mas espiritual, como a alma de um grego.

Que sensual ardentia na Leda, da Galeria Borghese! Como é dioniziaco, e misteriozamente perturbador o São João Baptista, do Louvre! Si não fosse a Cruz do Precursor, quem não diria ao vel-o que era um joven Bacho, seduzindo pela poderoza majia do olhar os que lhe puderem rezistir á expressão quazi satanica?

Em todas estas obras, um pouco em cada uma dellas, paira a alma imortal do grande Leonardo, caluniado e perseguido pelos contemporaneos, mas rehabilitado pelo nosso seculo do cepticismo idealista. Viverá de ora em diante incorporado ao grande patrimonio artistico, ainda que, uma a uma, venham a dezaparecer todas as suas pinturas. Não foi debalde que elle proprio disse: *Cosa bella e mortal passa e non d'arte.*

Posteriormente ao que acima escrevi, sob a impressão do que havia observado no outono de 1906, fez-se uma ultima, e parece que definitiva restauração, na genial e malfadada obra prima.

O trabalho, confiado ao professor Luigi Cavenaghi, consistiu apenas em fazer aderir de novo á parede os fragmentos da pintura, que, á medida que se tinham dezagregado, se haviam aos poucos enrolado sobre si mesmos.

Pretende Cavenaghi, em contrario ao que até agora se tinha afirmado, que a Ceia não foi pintada a oleo, sendo apenas um *afresco* de forte tempera, a que o Mestre dera uma compozição especial.

Como quer que seja, afirmam os competentes ser o mesmo o aspecto geral da pintura, quer quanto ás lacunas existentes, quer quanto ao que ainda conserva a forte impressão do genio leonardesco. Conseguiu-se, apenas, deter por longo tempo, a ação corroziva da ruina.

Na Praça da Senhoria

Florença ilustre, assim te amei! Rendi-me
Ao prestijio do som, da côr, da imajem,
Quanta vez me ajoelhei, nessa viajem
Atravez do gentil e do sublime.

MAGALHÃES DE AZEREDO.

Bronzes Florentinos.)

E' UMA dessas manhãs divinas, como as sabe ter Florença, em que o ceu, azul, doirado, sem nuvens, banha-se todo na irradiação de um sol despido da brutalidade glorioza dos tropicos, para brilhar numa luz fina e quazi espiritual, que mais realça o ambiente da velha e delicioza cidade das flores.

Recem-chegado na vespera, saio a procurar impressões, a respirar o ar perfumado da adoravel cidade, a *rever* nos logares a fizionomia dos edificios tão familiares ao espirito. Ali é a Velha Ponte, sobrevivencia medieval das lutas de antanho, ainda com o mesmo aspecto dos seculos passados. E' a glorioza catedral de Santa Maria del Fiore, com a

sua fachada policromica, com a sua majestoza cupola, a obra prima de Brunneleschi. E' o solitario Campanile de Giotto. E' o Battisterio de S. Giovanni, com as belissimas portas de Ghiberti, as famozas portas do Paraizo.

Passo por umas ruas estreitas e asseiadas, descobrindo aqui um velho e imponente palacio, ali uma placa de marmore com um verso de Dante, adiante uma estatua conhecida. Na gente que passa, que trabalha nas tendas de estatuaria, que exerce os misteres da rua, vou encontrando a cada momento os membrudos populares de Andréa del Castagno, as figuras femininas de Carlo Dolci, os deliciozos *bambini* de Lucca della Robbia.

Dezemboco de repente na praça da Senhoria. Está ali, em frente, o velho castello do Lirio Vermelho, sombrio e elegante, majestozo e sobrio, com os seus bastiões, a sua altissima torre, o seu aspecto de fortaleza. Ali durante tantos seculos dominaram os senhores da cidade, corporações, familias, oligarquias, ou principes estranjeiros, todos animados da violenta cobiça do mando.

Na praça rujia tumultuoza a onda popular. Fechavam-se as portas do palacio, o sino da torre tocava alarma, formava-se a tropa em ordem de batalha, e rompiam pela praça, pelas ruas circumvizinhas, por toda Florença, pelo vale que a rodeia, as horriveis e carniceiras guerras civis, de familias contra familias, por vezes de irmãos contra irmãos, em que corria impetuozo o sangue florentino, depo-

zitando uma vasta sementeira de odios, cujo sedimento refervia durante seculos inteiros, opondo constantemente na mesma indomavel rivalidade, Brancos a Negros, Guelfos a Gibelinos, *Arrabiati* a *Piagnoni*.

Brilhavam então em toda a sua intensidade os famozos *condottieri*, aventureiros sem patria nem escrupulos, a quem a Senhoria confiava a defeza da cidade, ao mesmo tempo que os fazia vijiar severamente, e que, pondo os seus serviços ao soldo de quem lhos pagava, exerciam com heroismo a sua profissão, redimindo por um belo gesto, ou uma morte glorioza, toda uma vida penetrada da mais baixa animalidade.

Estes brilhantes mercenarios, assim como os proprios florentinos de nacimento, que ligaram os seus nomes ás terriveis lutas daquelles seculos, repartiam-se entre as agruras da guerra e a alegria transbordante de sensualidade e de gozo, que tornava Florença uma cidade unica entre as demais da Italia, no periodo da Renacença.

E todo o brilho daquella vida intensa refletia-se na praça, onde rujiam as paixões populares, passavam os *condottieri* em triunfos reproduzidos dos romanos antigos, refuljiam em deslumbrantes apoteozes os dominadores da cidade, cercados de uma população inteira que gozava delirante, sem freios que lhe sopitassem o ardente sensualismo, sem outra aspiração além de esgotar até o fim a taça capitoza dos prazeres.

*

* *

E porque de Florença vinha então a luz para a Italia, todo aquelle esplendor se difundia pela peninsula, vibrante e enerjico, levando a forte impressão do carater toscano, que sobrepujava as outras rejiões, na diplomacia, na guerra, na arte, modelando a lingua italiana nos firmes traços do seu dialeto, espalhando por toda a parte os seus gloriozos artistas, ou acolhendo em seu seio os de outros logares que ali iam completar o seu aprendizado.

Toda a gloria daquella vida se reflete na arte, interprete fiel do estado do povo, transformando completamente a concepção do homem e do mundo, e legando aos seculos futuros uma preciozissima multidão de obras primas em que se estampou o espirito do tempo.

Porque a Renacença italiana, ou antes florentina, não foi a volta, fria e academica, aos moldes classicos da antiguidade. Foi a renuncia ao ascetismo sombrio do cristianismo, para o gozo, sem constranjimento, de tudo o que a natureza oferece ao homem de bom e amavel. Toda a raça, palpitante de amor carnal, concia da sua beleza, imerjia volutuozamente no seio do paganismo, celebrando com orgulho as excelencias da vida, na posse completa e insaciavel de todos os gozos.

O fresco de Gozzoli, no palacio Ricardi, reprezentando os Reis Magos, mostra claramente o que eram aquelles triunfos, que tantas vezes tiveram por teatro a *Piazza della Signoria*. Eram os patricios de Florença, Medicis á frente, que passavam ali, numa triunfante cavalgata, belos e sensuais, artistas no trajar, cobertos de riquissimas roupas em que brilhavam côres quentes, sob os aplauzos de uma população entuziastica, com a mesma intrepida elegancia com que no dia seguinte jogavam a vida na mais insignificante rixa de praça publica, ou na mais sanguinolenta batalha campal.

Estes gloriozos bandidos, cujas façanhas não bastariam para lhes dar a imortalidade, ficaram perpetuados no bronze ou na téla, graças ás obras geniais dos artistas florentinos, que transmitiram até nós, em traços firmes, tão audazes fizionomias de aves de rapina. Tais são as estatuas de Donatello, Verrochio, ou Miguel Angelo, que se levantam gloriozas em diversos pontos da Italia. Tal é o Cosme de Medicis, de João de Bolonha, cuja estatua equestre, ali mesmo na praça, atesta a enerjica vitalidade da sua raça.

Ao lado do Palazzo Vecchio, vê-se a Loggia dei Lanzi, o belissimo portico de Orcagna, especie de muzeu ao ar livre, onde fulguram, á vista dos tranzeuntes, joias inestimaveis da Renacença. São, entre outros, o Rapto das Sabinas de João de Bolonha; o Perseu de Benvenuto Cellini; a Judith de Dona-

tello, e no fundo um marmore antigo de rara beleza, reprezentando uma barbara vencida.

Na Loggia, reuniam-se os notaveis de Florença para assistir ás festas, ás cavalgatas, aos torneios, a todas as cenas daquelle brilhante carnaval, organizado pelos Medicis.

E toda a população, num delirio dioniziaco, engolfava-se deliciozamente naquella ardente bacanal, que invadia todas as classes sociais, e transbordava fremente por toda a Italia, arrastando Roma e o Papado.

*

* *

Debalde levantava-se vibrante a voz de Savonarola. O fogozo dominicano trovejava contra Alexandre VI, o Borgia depravado e simoniaco, que prostituia a Santa Sé. Torvo, truculento, descompassado, o frade de S. Marcos apostrofava os Medicis, bradava contra a dissolução dos costumes, e aterrava o auditorio de Santa Maria del Fiore com as suas vizões apocalipticas. Pôde dominar um momento, fazer na praça um auto de fé em que se queimaram adornos femininos e obras d'arte. Conseguiu vencer os Medicis, e colocar Florença sob a proteção de Jesus Christo. Foi passajeiro, porém, o triunfo do seu ascetismo. Venceu a corrente pagã, patrocinada então pela Igreja de Roma, e Savonarola,

arrancado pela multidão ao convento de S. Marcos, arde na praça em sinistra fogueira, a dizer, na sua terrivel agonia: *Firenze, Firenze, che hai tu fatto!*

A multidão, indiferente ás profecias do apostolo sombrio, continua a sua esplendida festa, e a Renacença prosegue ainda luminoza, a povoar o mundo de creações imortaes, para que se gravassem em traços indeleveis os ultimos momentos daquella vida glorioza. Nos artistas ainda brilham genialmente os derradeiros lampejos da grande época. Depois, vão se extinguindo as luzes da majestoza pompa. Começam já a aparecer os imitadores de segunda mão, chega a decadencia, e forma-se a corrente, artificial e falsa, que escondeu o franco paganismo da primeira Renacença sob a cópia pedantesca das anatomias gregas.

E assim encerrou-se aquelle periodo deslumbrante, cujos despojos não podiam encontrar melhor sarcofago do que os que lhes deu Miguel Angelo, nos tumulos dos Medicis, da Capela de S. Lourenço.

Alvorecia um mundo novo. Ao Palacio da Senhoria chegavam noticias de que: *Certi giovani, iti com caravelle, arrivarono a certe isole grandissime, che mai piú vi si navigió per nazione umane, popolate d'uomini e donne assai, tutti ignudi.*

Era ainda o espirito da Renacença, que na sua expansão vibrante, afrontava os oceanos, para em remotissimas rejiões desconhecidas levar a centelha do genio latino.

*

E assim, tantos seculos depois, os habitantes dos paizes trazidos então ao convivio do mundo, podem hoje em Florença, admirar os gloriozos atestados da vida que palpitou naquelles seculos ardentes, personificando a gloria de uma raça e o genio de um povo.

A CAZA DE DANTE

Em uma pequena rua de Florença, a *via Dante*, prolongamento da *via Tavolini*, a dois passos do belissimo Or S. Michele, em cujas dependencias funciona a Sociedade Dante Alighieri, na mesma sala onde Bocaccio dava explicações publicas da *Divina Commedia*, depara-se ao forasteiro uma modesta caza, sobre cuja porta lê-se uma simples inscrição, em uma placa de marmore, anunciando ter ali nacido e vivido o divino poeta.

Nenhum preparo anterior sujere ao espirito idéa especial sobre a caza, á qual os guias de viajem concedem, a custo, duas ou tres linhas. Na cidade onde os *ciceroni* agridem literalmente os viajantes para lhes mostrar os tezouros de arte e as curiozidades, nenhum se propõe levar alguem á caza de Dante. E', pois, como de surpreza que, tremulo de

comoção, o estranjeiro sobe a escada da caza que encontrou ao dobrar de uma esquina.

Dentro, nada de extraordinario. Uma pequena sala com duas janelas sobre a rua, e uma alcova escura, são os dois unicos apozentos franqueados ao publico. Na alcova, onde se diz que naceu o poeta, nada. Paredes nuas e enegrecidas pelo tempo. Nem um movel sobre o soalho quazi preto. Na sala, a cadeira em que Dante se sentava; uma mascara de gesso com os seus indeleveis traços; um busto de Beatriz; num quadro, o orijinal de uma bela carta de Gladstone, escrita em italiano; e uma pequena estante contendo volumes, que não chegam nem á centezima parte da bibliografia dantesca.

Sobre uma pequena meza, um livro coberto de assinaturas de gente de todas as partes do mundo. Eis tudo.

No tocante á autenticidade da caza, não ha mesmo certeza absoluta. Por ilações e hipotezes chegou-se á concluzão de que ali *devia ter sido* a caza de Dante, atenta a vizinhança em que estava da *Badia* a que elle se refere uma vez, e do Bargello, cuja torre elle dizia avistar da sua janela.

Os arqueologos e os dantologos, duas especies de eruditos que abundam na Italia, ainda hoje discutem sobre a verdadeira caza de Dante.

Não tem o muzeu a organização de outras cazas de grandes homens, como a de Carlyle em Londres, a de Victor Hugo em Pariz, a de Voltaire em Ferney, a de Goethe em Francfort.

Por mais pobre que seja, porém, o Muzeu Dantesco, é a sua propria simplicidade que comove. Que importam as duvidas porventura existentes sobre os objetos ali expostos ou sobre a propria situação da caza? Basta considerar que uma convenção estabeleceu ter sido ali a caza do grande poeta, consagrando-se assim um como templo, destinado a esta peregrinação, que de todo o mundo se faz, para venerar a memoria do maior genio poetico de todos os tempos.

*

* *

Saindo-se, porém, a passeio por aquella luminoza Florença, bem se compreende que toda a cidade, com os seus monumentos, as suas igrejas, as suas ruas pitorescas, a sua interessante população, os seus arredores, o seu ambiente perfumado, é um vasto muzeu, que por todos os modos nos enche o espirito de recordações do grande florentino, cuja obra, irradiando atravez dos seculos pelo mundo inteiro, enche as gerações de deliciozo assombro e fixa no espirito imajens imortais, traduzidas numa das mais nobres linguajens jámais saidas do engenho humano.

Ao se defrontarem os majestozos palacios, construidos na severa e gracioza arquitetura florentina, pensa-se nas familias que os habitaram, e das quais

fala o imorredouro poema. Placas comemorativas repetem a cada passo tercetos da *Commedia*, lembrando epizodios alí acontecidos, edificios a que se referiu Dante, ou nomes de familias enumeradas no poema. Que não ha maior padrão de nobreza para uma familia toscana, do que poder escrever embaixo do brazão um versiculo de Dante, em que ella seja nomeada.

Si se admira a belissima catedral de Santa Maria del Fiore, não longe da pedra de Dante, pensa-se no formozo Battisterio que lhe fica fronteiro, a que elle chamava *il mio bel San Giovanni.*

Si se contemplam em Santa Croce os belos frescos de Giotto, vem ao espirito os versos com que Dante saudou o genio do amigo, que então se começava a revelar ao mundo da arte:

Credete Cimabue nella pittura
Tener lo campo, ed ora ha Giotto il grido,
Si che la fama di colui oscura.

Nesta mesma igreja de Santa Croce, que é o Panteon dos florentinos, vê-se o monumento de Dante, onde, aliaz, não repouzam os seus ossos, e no meio da praça a sua estatua, para a qual Leopardi escreveu a ode que assim termina:

In sempiterni guai
Pianga tua stirpe a tutto il mondo oscura.

Si se vê a solerte e enerjica fizionomia de Nicolo d'Usagno, imortalizada por Donatello, ou os magnificos *condottieri* de Giovanni de Bologna, ou as figuras dos Medicis, de Miguel Angelo, pensa-se nos heroicos bandidos das guerras civis, que devastaram a Toscana, arriscando a vida com cavalheiresco desprendimento, ao passo que pilhavam com o mais baixo cinismo, dos quais disse o poeta, referindo-se ao Arno:

... quanto ella piú ingrossa
Tanto piú trova di can farsi lupi
La maledetta e sventurata fossa...

As mulheres, ricamente vestidas á moda do tempo, que figuram nos frescos de Ghirlandajo, Gozzoli, Luini, ou outros pintores muito posteriores a Dante, fazem todas pensar nas invectivas deste, pedindo que se proibisse:

Alle sfacciate donne fiorentine
L'andar mostrando con le poppe il petto.

Porque a alma artistica do grande florentino paira eterna sobre a cidade, mantendo um ambiente de poezia, que inspira os artistas vindouros, facilita a compreensão das obras de arte, e perpetua na raça os caratéres firmes da italianidade, que em nenhuma rejião da peninsula, nem mesmo em Roma, é atinjida como em Florença.

Quem não dirá, vendo os paraizos de Fra Angelico, sobre fundo resplendente de oiro, com as suas espirituais madonas, com os seus alvinitentes anjos de azas doiradas, em fuljidas teorias, que o frade genial inspirou-se na *Candida Rosa* que é o *empireo* do Dante, povoado de serafins, assim descritos:

L'ali d'oro, e l'altro tanto bianco
Che nulla neve a quel termine arriva.
Quando scendean nel fior, di banco in banco,
Porgevan della pace e dell'ardore.

E as estaticas madonas de Boticelli, e os lividos Christos de Fra Bartolomeu, e os sonhos atormentados de Miguel Angelo, passam pelos olhos num sopro divino de fantazia, enchendo a alma de lirismo e de terror, como si o espirito do Grande Cantor do Além Tumulo despertasse do sono eterno e emprestasse vida real áquellas obras primas.

*

* *

Quando se sóbe á colina que domina a cidade, galgando aquella mesma ladeira de S. Miniato, cuja aspereza o Dante descreveu, e do alto do Piazzale Michel Angelo, têm-se aos pés toda Florença e os seus arredores, pensa-se na geração de

Dante, e nas que lhe succederam, nas familias que lutaram pelo dominio supremo, tinjindo de sangue o lirio que é o brazão da cidade, e na velha Fiesole, o berço etrusco da raça, escondida nos Apeninos de onde veiu:

Quell' ingrato popolo maligno,
Che discese di Fiesole al' antico
E tiene ancora del monte e del macigno.

Ao lonje, pelo extenso vale do Arno, perdidas na bruma do horizonte, Pistoia e Piza, as cidades rivais, cobertas de imprecações pelo gloriozo poeta.

E, além, sómente vizivel á imajinação, ao norte e ao sul, toda a Italia, dos imperadores e dos papas, teatro de pequenas disputas, campo de lutas incessantes, que inspirou ao poeta as suas dolorozas estrofes:

Ahi serva Italia, di dolore ostello,
Nave senza nocchiero in gran tempesta,
Non donna di provincie ma bordello.

Passaram as lutas, dezappareceram as cauzas das pequenas rivalidades. A Italia, cumprindo o seu gloriozo destino historico, está hoje unificada e marchando para um fim comum. E agora, mais que nunca, resplende a gloria do grande genio, verdadeiro hiato luminozo entre a treva medieval e o alvorecer dos tempos modernos, que penetrado do

puro sentimento italiano, deplorava a divisão de sua patria e anelava o futuro que hoje é prezente.

E' por isso que das alturas de S. Miniato, á hora misterioza do crepusculo, em que as sombras do passado avassalam o espirito, a quem contempla Florença, radiante na reverberação do sol poente, parece ver passar ao longo do Arno a melancolica figura do Dante, arrastando o seu manto sombrio, voltada para a cidade natal a sua face palida e pensativa.

Ao carinhozo obzequio de Magalhães de Azeredo devo a copia da carta de Gladstone que abaixo transcrevo, autenticada pela Legação do Brazil junto ao Vaticano:

«Vice Consulado da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

N.º 285. Florença 7 Dezembro 1909.

---

10 - Downing Street

Whitehall

Dec. - 20 - 82

«Ill.mo Signore

«Con tutto che io abbia perduto la pratica della lingua italiana, nondimeno bisogna che io le renda grazie tante e tante della bonta colla quale ella mi ha mandato suo bel lavoro «Dante spiegato com Dante».

«Ella si è degnato chiamare quel sommo Poeta un solenne maestro per me. Non sono vote queste parole. La lettura di Dante non è soltanto un piacere, uno sforzo, una lezione; è una disciplina fortissima, del cuore, del intelletto, dell'uomo. Nella scuola di Dante ho imparato una grandissima parte di quella provisione mentale, sia

pure molto meschina, colla quale ho fatto il viaggio della vita umana fino al termine di quasi settanta tre anni.

«E vorrei anche stendere le sue belle parole, dicendo che chi serve a Dante, serve all'Italia, ao Cristianesino, al mondo.

Suo servitore
molto respettoso

Gugl. E. Gladstone.

Sig. G. Giuliani

ITALY

21/29

Sig. Giambattista Giuliani

& &

Successione Le Monnier

W. Gladstone. *FIRENZE.*

«Copia conforme ao original existente na Casa de Dante Alighieri nesta Cidade de Florença, lavrado por mim Vice Consul da Republica dos Estados Unidos do Brazil em Florença, a pedido de S. Ex.ª o Dr. Bruno Chaves, Ministro dos Estados Unidos do Brazil junto á Santa Sé, em Roma, aos sete de Dezembro de mil novecentos e nove.

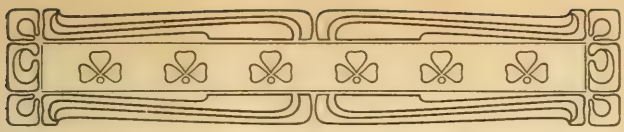
L. S.

Alexandre Kraus filho
Vice Consul.

«Visto. Chancellaria da Legação dos Estados Unidos do Brazil junto á Santa Sé, Roma, 8 de Dezembro de 1909.

L. S.

O 1.º Secretario,
Carlos Magalhães de Azeredo.»



O carvalho de Tasso

POSSUIDO de indescritivel comoção, subi ao Janiculo, e aproximei-me da velha arvore, de sob a qual o grande e infeliz poeta contemplava o maravilhozo espetaculo de Roma, nas treguas da loucura que lhe restituiam a razão de envolta com o dezalento.

No convento de S. Onofre conserva-se ainda a sua cela com algumas reliquias, no pateo levanta-se o seu tumulo, e junto ao carvalho uma piedoza inscrição lembra ao forasteiro os terriveis momentos que aí passou o poeta, morto precizamente na vespera do dia marcado para a sua coroação no Capitolio.

Juntamente com as recordações de toda ordem que acompanham o espirito de quem está em Roma,

vinham-me as da inolvidavel noite, para mim entre todas gratissima, em que Graça Aranha, interpretando admiravelmente um gentil pensamento de Joaquim Nabuco, ofereceu um ramo daquelle carvalho ao nosso grande Machado de Assis, este espirito helenico que, para consolo da nossa pequenhez, brilha na vulgaridade da nossa vida. Ecoavam-me ainda as palavras aladas do meu querido amigo, bem como a delicada poezia de Salvador de Mendonça, e a majestoza ode com que Alberto de Oliveira, na serena impassibilidade do seu panteismo, soube dar uma alma ao roble simbolico a cuja sombra passou á posteridade a sublime loucura do Tasso.

Penetrado pela saudade da patria e dos amigos distantes, bem como pela divina melancolia que paira no ambiente romano, eu pensava no mixto de coizas passajeiras e eternas que sujere a grande cidade, a que tão propriamente Byron chamou *Cidade da Alma.*

*

* *

Ali mesmo, Byron e Goethe pensaram em Tasso, e deixaram em versos imortais as suas impressões sobre o sofrimento do poeta, um divinizando o grito de dôr no mais exaltado lirismo, outro traduzindo o mizero fim do cantor de Ferrara

na altivez olimpica da sua arte. E outro grande poeta, igualmente um grande deziludido, Leopardi, chorou lagrimas amargas ao contemplar o tumulo de S. Onofre.

Mais punjente do que quaisquer cronicas italianas do tempo, é o testemunho de Montaigne, que teve occasião de visitar Tasso na sua prisão de Ferrara e assim o descreve: *J'eus plus de despit encores que de compassion, de le voir á Ferrara en si piteux estat, survivant à soy mesme, mescognaissant et soy et ses ouvrages, lesquels sans son sceu, et toutesfois á sa veue on a mis en lumiére incorrigez et informes.*

Combalido pela molestia, ferido pela ingratidão dos homens, lastimado pela exajerada sucetibilidade do proprio carater, vendo a sua cara obra publicada sem o seu consentimento e deturpada por erros grosseiros, que não pensaria o pobre cantor da *Gerusalemme*, quando, nos restos da grandeza extinta que Roma lhe mostrava aos pés, contemplava a imajem crudelissima da sua propria vida de então, mizeravel reliquia do esplendor passado.

Ainda mais expressiva do que a doloroza fizionomia de sua mascara que se conserva em S. Onofre, é a carta d'ali mesmo datada antes de morrer, contendo as suas ultimas palavras escritas. Anunciando ao amigo Antonio Constantini que sentia a morte se aproximar, assim acabava Tasso: *Non é piú tempo ch'io parli della mia ostinata*

fortuna, per non dire della ingratitudine del mondo, la quale ha pur voluto aver la vittoria di condurmi alla sepoltura mendico; quando io pensava che quella gloria, che malgrado di chi non vuole, avrá questo secolo dai miei scriti, non fosse per lasciarmi in alcun modo senza guiderdone.

E que aspecto consolador lhe traria a *Urbs*, vista do Janiculo. Elle avistava as ruinas da antiga magnificencia, no Colizeu, nas Termas, no Panteon, no Forum: as cem igrejas atestando o novo espirito que dominava a cidade, e, bem em face, vencendo todas, a majestoza cupola de S. Pedro em que Miguel Angelo havia realizado e excedido o sonho de Bramante. Descortinava as colinas sagradas dentro das quais viveu a historia da Roma antiga, e cujos flancos, decendo progressivamente com os tempos, vieram formar depois o pó que pizavam os contemporaneos.

Ao lonje, limitada pelos montes Albanos, via a solene paizajem da campanha romana, viridente naquellas belas tardes de abril, semeada de destroços de tumulos, aquedutos e estradas, como mostrando o eterno triunfo da natureza sobre as mizeras ajitações dos homens.

Espirito profundamente propenso aos devaneios do misticismo, procurava o supremo conforto na relijião, e, enfastiado da falsidade das côrtes, duvidozo dos efeitos da gloria literaria, na suavidade de pensamentos que oferece Roma, a grande consoladora, lançava os seus olhares para o ceu e confes-

sava ter preferido ir morrer em S. Onofre ... *per cominciare da questo luogo eminente, e con la conversazione di questi divoti padri, la mia conversazione in cielo.*

*

* *

Debalde os melhoramentos da Roma modernissima procuram desviar o olhar do forasteiro, do seu vasto repozitorio de recordações, e tentam afogar a fizionomia da cidade, nos mil aspectos brilhantes e banais com que a civilização do nosso tempo vai nivelando sob a mesma fórma cosmopolita todas as aglomerações humanas.

Em vão de sobre aquelle proprio Janiculo, o belo monumento de Garibaldi domina toda a cidade, afirmando a realização da unidade italiana, e como lançando um altivo dezafio ao Vaticano que lhe fica aos pés.

Quando se está perdido, lá embaixo, no torvelinho da vida moderna, sente-se a gente uma infinita molecula do grande organismo, que nos arrasta mau grado nós proprios para um fim que ignoramos.

Mas quando na delicioza solidão do Janiculo, se contempla a cidade eterna, de sob o carvalho do qual a contemplava o Tasso, pensa-se nas coizas imortais, e na majestade augusta, inelutavel, com

que Roma se impõe ao culto dos povos, como a demonstração a mais solene de que algo na historia, é superior á grandeza dos imperios, á fortaleza dos monumentos, aos misterios das relijiões reveladas.

O pobre Tasso pensava achar na relijião cristã a ultima palavra da consolação, e realmente, sob o ponto de vista subjetivo, pôde findar os seus dias com a paz que lhe trouxeram os bons frades jeronimos.

Como, porém, se enganava quando supunha que a Roma dos Papas passaria ovante, atravez dos seculos, levando até as mais remotas gerações o testemunho vivo de que as portas do inferno nunca haveriam de prevalecer contra a triunfante igreja de Christo.

Si visse hoje os velhos palacios papais, convertidos em repartições publicas, as igrejas transformadas em monumentos nacionais, o sucessor de S. Pedro enclauzurado no Vaticano e reduzido a chicanar com a Caza de Saboia sobre a interpretação da famoza lei das garantias, e parte da velha igreja de *Aracelli*, onde elle adorou o Menino Jesus, servindo de alicerce ao colossal monumento de Victor Emmanuel, compreenderia amargamente que a Roma dos Papas tambem passou como a Roma dos Cezares.

E quando igualmente houver passado, engolfada não sei em que cataclismos dos seculos futuros, a nova Roma que hoje se levanta sobre os destroços

das duas outras, o que não passará, e viverá eternamente gravado no coração humano, serão o culto do belo, reprezentado nas admiraveis obras de arte que cobrem o seu solo, a doce majestade do seu purissimo ceu, cujo azul cobre indiferentemente os monumentos ou as ruinas, as sublimes creações dos poetas que lhe cantaram as belezas e lhe difundiram pelo mundo o fascinante prestijio.

O Carvalho de Tasso já duas vezes foi vitimado pelo raio, mas apezar disso, vive, majestozo e melancolico, a projetar a sua sombra, sobre o logar em que se sentava o louco genial, cercado da consagração piedoza de toda a população, bem como da gente de todo o mundo, que aos seus pés vai sonhar na eternidade da poezia.

Como elle, o espirito do idéal tem sido abatido pela brutalidade das coizas vulgares, mas graças ao supremo conforto que sómente a arte póde dar, reponta, sempre novo, e sempre prezo ao passado, a realizar o sublime anacronismo de reviver o passado no prezente, e transmitir ás gerações futuras o culto pelos velhos ideais que nunca hão de morrer.

E' por isso que, de todos os poetas que se inspiraram em Tasso, foi Goethe quem, na elevada conceção do seu paganismo panteista, melhor lhe soube compreender a sublimidade das lagrimas. Foi, sem duvida, diante do grandiozo espetaculo de Roma aos seus pés, que elle concebeu os admiraveis versos, nos quais Tasso moribundo explica a sua

melancolia pela necessidade de transmitir ás futuras gerações o seu grito de dôr, divinizado pela Arte, unica coiza que fica, eterna e impassivel, de todo o sofrimento humano.

Nur Eines bleibt:
Die Thräne hat uns die Natur verliehen.
Den Schrei des Schmerzens, wenn der Mann zuletzt

Es nicht mehr tragt. Und mir noch über alles
Sie liess im Schmerz mir Melodie und Rede,
Die tieffte Fülle meiner Noth zu klagen.

O tumulo de Virgilio

QUEM passa, em Napoles, pela estrada do Pausilipo, não póde deixar de ter a alma cheia de recordações do grande poeta mantuano.

O radiozo cenario que se depara produz uma impressão de deslumbramento, que eleva o espirito acima das continjencias do tempo e do espaço, e prepara para a contemplação anagojica da natureza, como si se tratasse de uma obra de arte.

A perspectiva admiravel da baía; as cazas que se espalham pelas curvas do litoral num amontoado tão denso como o da ruidoza população, e galgam dezordenadamente as montanhas, como um rebanho de cabras em liberdade; os promontorios que cravam no mar os seus ponteagudos esporões; as ilhas de Ischia, Procida e Capri, que ao lonje fecham a

linha do horizonte; e coroando tudo, numa cintilação de gloria impassivel, aquelle divino azul do ceu e do mar.

Tudo isso produz uma delicioza languidez, que, fazendo esquecer a reflexão e o raciocinio, subordina todo o pensamento aos caprichos da imajinação.

Foi o estado de espirito que Taine traduziu admiravelmente na sua descrição de Napoles, quando disse: *On n'a qu'à regarder, à se laisser vivre; on a toute la fleur de la vie avec un regard.*

O esplendor da paizajem invade todas as moleculas do ser, e a gente, pouco a pouco, deixa-se dominar pelo voluptuozo panteismo dos gregos, amando aquella natureza, que assim nos acaricia, e celebra as eternas e sempre novas nupcias do Grande Todo divinizado com as entranhas sempre fecundas da terra.

Bem se compreende como os gregos se tivessem preferido fixar nessa delicioza Parthenope, que lhes recordava a alma da patria, vivendo no azul intraduzivel daquelle ceu, refletindo-se *no sorrizo infinito do mar*, como diziam os seus poetas, renovando o largo circulo da vida nos loureiros, mirtos e laranjais em flor, sob um clima suave, que mais facilmente convida o homem ao contacto direto com a natureza.

*

* *

Dos poetas latinos o que mais se penetrou dos ideais gregos foi, sem duvida, Virgilio.

As suas *Bucolicas*, tão docemente cheias do idilio de Theocrito, embora adaptadas á atualidade de então, revelam um espirito delicado, profundamente saturado da cultura helenica, mas fortemente conciente do papel rezervado á civilização romana. Ao mesmo tempo, atravez das falas sentimentais dos pastores, adivinha-se uma admiração carinhoza pelos esplendores da natureza, traduzida em quadros, rapidamente esboçados, que passaram á posteridade como modelos no genero.

Este patriotismo romano e este culto da natureza aparecem ainda mais intensos nas *Georgicas*, onde o poeta, apaixonado pela vida dos campos, incita os romanos á cultura da terra, como um meio de engrandecer a patria.

Com a minuciozidade de um proprietario agricola, elle explica os processos tecnicos de cultura então empregados, o que não impede que á sua alma de artista passe despercebido qualquer dos aspectos encantadores da vida dos campos. Os anafados bois que surjem de uma volta do caminho puxando o arado, os ramos das arvores vergados

ao pezo dos frutos, o acordar rizonho de uma herdade, um regato de aguas claras sussurrando ao longo de ruinas cobertas de musgo, os cisnes brancos que nadam por entre os juncais, e tantos e tantos outros quadros admiraveis, afirmam um amor pela natureza nunca mais atinjido depois delle.

Mas quem fala é tambem um cidadão romano, amigo de Mecenas, cliente de Augusto, que préga o amor da lavoura e o retalhamento da propriedade agricola, afim de que a nação, esgotada pelas repetidas guerras, encontre na fertilidade da terra a prosperidade necessaria para apoiar um governo fortemente constituido.

Obra encomendada pelo governo, as *Georgicas* foram inspiradas na mesma ordem de idéas que levaram Roty a reproduzir na sua *Semeuse*, o famozo *gesto largo do semeador*, de que falava Victor Hugo.

Na *Eneida* reunem-se as trez tendencias, tanto mais fortalecidas quanto o poeta já alcançara a idade necessaria para a completa madureza do espirito. São as soberbas descrições do campo, do mar, das varias rejiões perlustradas pelo destino vagabundo de Enéas. E' o espirito helenico que transparece no poema, cuja intenção é fundir em admiravel parodia a *Illiada* e a *Odisséa*, transmitindo ao povo romano o culto amorozo dos ideiais gregos. E', finalmente, a idéa de que Roma, ligada por Enéas ás tradições do sobrenatural, vindas do

Oriente, era a nação destinada a sustentar perante o mundo o facho da civilização, quando caisse das mãos dos gregos. Ninguem como Virgilio previu que o espirito latino seria o gloriozo veículo do helenismo atravez da historia.

Amava por isso, a bela Parthenope, que então, como ainda hoje, aprezentava o aspecto da Grecia animado por uma população exuberantemente latina. Gostava de viver no Pausilipo, onde escreveu as *Georgicas* e a *Eneida*. Dezejou, finalmente, que o seu corpo fosse enterrado em Napoles, para o que, segundo dizem, escreveu os conhecidos versos do seu epitafio:

Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope: cecini pascua, rura, duces.

*

* *

Pensando em tudo isso, antes de sair do Pausilipo, fui vêr o tumulo do poeta, que se acha no meio de um vinhedo, quasi em frente á gruta nova. E' uma especie de *columbarium*, de que hoje subsistem as ruinas. Vê-se uma parede de tijolos, abobadada, contendo nichos destinados a urnas funerarias. Não se sabe onde estiveram as cinzas de

Virgilio. Ha apenas uma velha placa de marmore colocada em 1554, onde se lê:

Qui cineres? tumule hoec vestigia: conditur olim
Ille hic qui cecinit pascua, rura, duces.

Sobre o tumulo debruçam-se os restos de um loureiro, plantado, segundo se diz, por Petrarca. Ao redor pastam cabras. De uma mizeravel cabana sai uma sordida mulher exijindo uma lira de entrada, pois o monumento está em terreno particular.

O acesso ao tumulo é dado por escadas dificeis, ao lado de uma *tratoria*, onde bebem *lazzaroni* e soldados.

Nada que demonstre qualquer preocupação manifestada pela geração atual, de honrar a memoria do grande poeta.

Saí consternado... Sobre o Pausilipo a abobada celeste rebrilhava de um azul puro e brunido, que o cair da tarde ia escurecendo. Na bruma do horizonte adivinhava-se a fórma aguda do cabo Miseno, avançando pelo mar. Do outro lado, a massa cinzenta do Vezuvio projetava uma sombra entre rozea e violacea, sobre Portici, Sorrento e Castellamare, docemente esbatidas na luz do sol que lentamente ia morrendo. As ondas reproduziam na praia o eterno lamento do mar.

Em Napoles, acendiam-se as primeiras luzes, e a população continuava a sua vida alegre e despreocupada, inteiramente igual de dia e de noite.

E diante daquella majestoza indiferença da natureza, ao lado da criminoza indiferença dos homens, eu pensava nos versos do poeta cujo tumulo jazia esquecido no Pausilipo:

Di jovis in tectis iram mirantur inanem
Amborum et tantos mortalibus esse labores.

A poezia da bruma

No dia 22 de Oitubro, o famozo *Trafalgar day*, comemora-se em Londres, todos os anos, a glorioza batalha com que Nelson salvou a Inglaterra da invazão napoleonica.

Desde manhã a estatua de Nelson, na praça de Trafalgar, cobre-se de flôres e corôas. Desfilam corporações e colejios prestando solene homenajem ao heróe nacional. Soldados de todas as armas cercam o monumento. Especialmente, a gente da marinha acotovela-se em torno á estatua, trazendo a injenua consagração do seu culto ao grande marinheiro. Apezar de decorrido mais de um seculo, os *blue jackets* e os *red jackets*, ouvem, candidamente atentos, a explicação que os oradores improvizados

da praça publica, sob a inspeção vijilante do *policeman*, fazem da batalha de Trafalgar, e do ultimo sinal mandado arvorar pelo almirante moribundo: *England expects every man will do his duty.*

Inscrita no sopé da coluna, a ordem de Nelson parece dirijida á nação inteira, e todos os inglezes, de qualquer categoria ou pozição, forcejam por cumprir o seu dever, realizando assim as esperanças da Inglaterra.

Os que passam pela vasta praça de Trafalgar, apressados e sizudos, naquelle andar carateristico que fazia dizer a Hamilton que todo inglez quando anda parece ir á procura da parteira, dão a impressão de que vão cumprir o solene dever do trabalho. E por toda Londres, nessa vastissima e apavorante aglomeração de almas, a que Carlyle chamava o Minotauro, encontram-se a cada passo os individuos serios e ocupados, que vão pela vida fóra cumprindo corajozamente o seu dever de inglezes. Os que no exercicio concienciozo dos *sports* procuram o amplo dezenvolvimento do animal, os *busimen* que na City manejam em especie ou em libras esterlinas o *stock* da riqueza do mundo inteiro, as *ladies* que nas alamedas do Hyde Park passeiam solenemente a grave elegancia da sua aristocracia, as *sufragettes* que invadem a gritos sediciozos a caza do Parlamento, todos o fazem, possuidos da suprema ideia de que exercitam uma função da vida nacional, e estão pozitivamente cumprindo um dever.

Cada um, aplicando-a ao seu cazo, póde repetir a *Ode ao Dever* de Wordsworth, e concluir com a sua enfatica invocação:

Give unto me, made lowly wise,
The spirit of self—sacrifice;
The confidence of reason give:
And, in the light of truth, thy bondman let me live.

*

* *

Até nos artistas brilha esta preocupação puritana do dever sem complicações de teorias nem de subentendidos. Quando realistas, são-no sem preconceitos de escola, sem exajeros de artificio. Si caminham para o intelectualismo com a *Preraphaelite Brotherhood* de que Ruskin foi o profeta, aprezentam-se com a intenção definida de exercer um sacerdocio. Si como Constable e o admiravel Turner, traduzem as côres imponderaveis da paizajem ingleza, aprezentam-se fóra dos sistemas e das escolas, adotando a diviza de Sterne: *Go right before you, and follow your nature.*

Em relijião, como em politica, em arte, como em negocios, o inglez é o homem que obedece geometricamente a um plano preconcebido, que é em ultima analize a expansão de sua personalidade. A

admiravel organização do paiz, as leis sabias e rigorozamente aplicadas, tudo é tão harmonico e combinado, que a vida do povo como se reduz ao dezenvolvimento de uma equação aljebrica. O constitucionalismo parlamentar, o anglicanismo protestante, o agnosticismo filozofico, tudo naceu na Inglaterra, no momento oportuno, e lá produziu o rezultado previamente dezejado, por se adaptar completamente á indole do povo mais solidamente dotado de bom senso que a humanidade tem produzido.

Eis porque muitas instituições britanicas, transplantadas para o continente, produzem os mediocres rezultados que sabemos. Eis porque os *gentlemen* que conhecemos em Londres, no meio do seu respeitavel *confort*, e nos cauzam uma impressão tão agradavel, uma vez transposta a Mancha, transformam-se nos ridiculos *globe-trotters*, imortalizados pela caricatura, que atravancam todos os caminhos do mundo, com os seus *plaids*, os seus binoculos, as suas malas, e as suas irritantes exijencias.

Falta-lhes o ambiente que lhes dá a vida e onde elles podem ser compreendidos. Fóra do seu meio natural são envolvidos por um sentimento, que lhes é inteiramente desconhecido, e de que só as almas dos outros povos têm a noção: — o ridiculo.

A Inglaterra tem os seus grandes humoristas como Swift, Dickens ou Thackeray, que finamente descobrem os defeitos humanos com a preocupação moral de corrijil-os. A grande massa não tem, porém, o prurido, de preferencia latino, de ver nos

atos do proximo o lado burlesco, para aprezental-o de maneira humilhante. Ou o *cant* anglicano com toda a rijidez da sua moral categorica, ou o *fun* que livremente dezabrolha na alma popular com o só dezejo de rir, mas sem a intenção de fazel-o á custa alheia. Não ha meio termo para o que em francez se chama *persiflage*.

Esta natural gravidade de maneiras, este comedimento nos atos e gestos da população, que dão ao estranjeiro a impressão nitida de uma nação bem educada, tem impressionado a quantos estudaram a psicolojia do povo inglez, e tem motivado centenas de teorias mais ou menos fantaziozas.

Nenhuma, porém, dessas teorias deixa de mencionar, como fator importantissimo, a influencia da paizajem, o aspecto do ceu, especialmente em Londres, que é realmente um verdadeiro triunfo da meia tinta e do claro escuro.

*

* *

Quem teve ocazião de passar o outono em Londres, nunca apagará da retina a impressão de um ceu livido, pardacento, penetrado de sombras como concentricas, onde as côres escuras se acumulam em grupos harmonicos, no meio do turbilhão entontecedor dos vapores da terra, aumentados pela fumaça

dos milhões de chaminés. Os edificios, severos e cinzentos, destacam nobremente as suas fachadas. As luzes aureoladas pela bruma, brilham fantasticamente com reverberações estranhas. Nos majestozos parques, onde se ostenta a vasta sinfonia das folhas moribundas, sente-se a melancolia fina e distinta da estação e compreende-se a invocação de Shelley ao outono:

Yet, follow the bier
Of the dead cold year
And make her grave green with tear on tear.

E' realmente a estação em que mais se compreende a Inglaterra, cujas brumas, prolongando-se por quazi todo o ano, fazem nella um outono perpetuo, como em outros paizes ha a primavera perene.

Não ha a alegria estridente do sol meridional que atira francamente o homem aos braços sensuais da natureza. Não ha a hispidez do extremo norte, em que a natureza inospita e cruel, obriga o homem a uma luta rude e incessante que lhe deprime o espirito, e lhe tira a alegria de viver. Não ha as passajens rapidas de uma para outra estação, como na maioria dos paizes temperados, em que os varios aspectos da natureza, mudaveis e fujidios, deixam no espirito uma diversidade de impressões.

Ha, porém, o aspecto quazi uniforme do mesmo ceu, velado por uma constante bruma, espirituali-

zando a vizão, deixando-a coar-se atravez de uns tons indecizos que impedem o arranque brutal de uma sensualidade transbordante.

O rigor do clima obriga ao trabalho e á atividade. Ao mesmo tempo a natureza do solo é tal, que o trabalho, devendo ser rude, é largamente compensado. Para rezistir, porém, ao clima, o homem é obrigado a uma continua atividade, o que lhe determina o dezenvolvimento completo da pessoa fizica. A consequencia é a correção de maneiras, o justo equilibrio das faculdades, o predominio da reflexão sobre a imajinação, o amor ciozo do bem estar. Quem não está vendo nisso a verdadeira definição do carater inglez?

E' precizo estar na Inglaterra para amar os inglezes, e perdoar-lhes, de bom coração, *at home*, todos os defeitos que tanto nos incomodam, quando se nos deparam, fóra do seu paiz.

Nessa terra classica de todas as liberdades, onde o individualismo atinje o mais amplo dezenvolvimento, chegando a rezultados não alcançados em qualquer outra nação, o homem sente-se bem, e orgulhozo das vitorias que tem a especie alcançado sobre a natureza.

O prestijio incontestavel da Inglaterra entre as outras nações, apezar ou por cauza da *splendid isolation* que o mar traçou ao redor da sua ilha, concorre para realizar de um modo gloriozo a mais completa afirmação da personalidade humana.

A propria bruma de Londres, que difunde na

atmosfera uma perturbadora nevoa de misterio, efetuando verdadeiros prodijios de luz cambiante, é em parte o rezultado da atividade poderoza das suas fabricas, que lançam diariamente ao espaço as suas fumarentas espirais, concorrendo assim, para que o homem, cazo rarissimo, intervenha no proprio aspecto externo da natureza.

Este nimbo majestozo, cérca de uma glorioza aureola a grande metropole, onde formiga um povo forte, equilibrado e poderozo, que cumpre com firme serenidade a sua missão historica.

No Escurial

Quando o trem que me trouxera de Madrid, seguia o rumo do norte, levantando nuvens de pó, e acordando com o seu ruido o éco das serranias, sem que se lhe avistasse mais a lonjinqua curva coleante, nem se lhe ouvisse o distante silvo, pareceu-me que ao ficar na sonolenta estação de *Escorial de Abajo*, eu ia passar umas horas na Hespanha do seculo XVI.

Eram os frades e os mendigos, o aspecto agressivo e rude da paizajem da Castela Velha, o silencio e a dezolação, as rochas abruptas e descalvadas, as velhas cazas de fizionomia sinistra, e ao longe a serra de Guadarrama coberta de neve, cuja alvura contrastava o tom brusco da redondeza. Uma velha dilijencia estropiada leva-me a *Escorial de Arriba*,

onde surje de sobre a rocha granitica, como uma excrecencia natural, o pezado e truculento palacio de Felipe II.

A mole gigantesca e cinzenta apavora o espirito. Não dá a impressão de beleza nem de majestade. Aquelle colossal Pantéon corôa admiravelmente a natureza agreste que o cerca. A' medida que se penetram as vastissimas salas, os imensos pateos, os longos corredores dezertos, sente-se o frio do passado brotar das paredes espessas, dos tectos sombrios, do lajedo sonoro.

Pelas pequenas janelas, rasgadas como a contragosto na severidade monacal do edificio, não entra um sopro da vida externa, que venha trazer um pouco de alegria áquella gelida sepultura em fórma de edificio. A paizajem, arida, dezolada e triste, caza-se bem com a apavorante melancolia do Escurial.

*

* *

Então, aparece, poderoza como uma alucinação, a figura sinistra de Felipe II, o sombrio campeão do catolicismo, que fez surjir da rocha viva aquella epopéa de granito, por onde passaram todos os pezadelos tenebrozos da sua alma vizionaria.

Querendo deixar á posteridade um monumento perene, que atestasse até a consumação dos seculos

a grandeza da sua raça, da sua patria, da sua fé, elle levantou em poucos anos o esqualido edificio, mixto tenebrozo de palacio e de convento, onde, só e desconfiado, elle viveu, padeceu e morreu, e onde jaz sepultado em baixo de seu pai, Carlos v, e ao lado das rainhas de quem foi sucessivamente marido.

O lugubre cazarão, com a sua arquitetura rigoroza e intranzijente, faz pensar no torvo Demonio do Meio-Dia, instituidor da rijida etiqueta da côrte hespanhola, braço forte da Inquizição, perseguidor dos protestantes, judeus e mouros. E a vida do sombrio rei, em grande parte vivida entre aquellas pezadas paredes, reflete-se ainda hoje nos apozentos que elle ocupou e onde morreu.

Lá está a majestoza igreja, em cujo côro vê-se a cadeira onde elle fazia as suas orações, e onde ouviu, imperturbavel e silenciozo, a noticia da vitoria de Lepanto, para sómente no fim da missa ordenar um *Te Deum*, em ação de graças. Lá está a sua céla, de aspecto inteiramente monastico, onde trabalhava fóra do bulicio de Madrid, recebia os embaixadores, discutia questões de pragmatica, sutilezas teologicas, ou formalidades do ritual, onde decidiu a organização da Invencivel Armada, onde recebeu a noticia da sua destruição. Vê-se ainda a cadeira em que se sentava e, poido pelo uzo, o escabelho em que estirava a perna doente. Mostra-se a janela onde passava longas horas dos seus ultimos dias, contemplando a capela mór da sua

igreja, e perto da qual morreu abraçado com o crucifixo que tinha servido para o mesmo fim a Carlos V.

Dece-se uma escada e está-se no lugubre Panteon, por elle planeado, para conter todos os despojos mortais dos reis, e que os seus sucessores, quebrando a tradição de austera severidade por elle instituida, revestiram de vistozas paredes de marmore de côr. Alinham-se, uma por uma, todas as sepulturas dos reis de Hespanha, e os que ainda vivem têm já ali marcado o seu logar, como acontece ao atual par reinante. Em baixo o tetrico *pudridero*, onde repouzam cinco anos os corpos, para que, despojados das materias apodrecidas e lavados pela agua ali corrente, possam os ossos depois ser colocados nos sarcofagos de marmore preto que lhes estão destinados.

Daquelle recanto sombrio, ao lado da capela, e justamente por cima do logar em que repouzavam os ossos dos seus antepassados, governou Felipe II a Hespanha e o mundo, fazendo a sua nação atinjir o apojeu do prestijio que lhe estava rezervado na historia. Que tenebrozas intrigas de inquizidores não guardam aquellas paredes! Quantas ordens sinistras de *autos de fé* não foram assinadas naquella velha meza. Como chegavam ali os velhos generais e almirantes, orgulhozos si vinham anunciar vitorias, tremulos si traziam a noticia de derrotas, como o duque de Medina Sidonea, quando, depois da destruição da Armada, ajoelhou-se-lhe aos pés,

dando pessoalmente a noticia que não ouzara confiar a um mensajeiro.

Naquella época, glorioza para a Hespanha, a Europa inteira, o mundo inteiro, rojava-se humilde aos pés do soberano do Escurial. Realizado o velho sonho da união iberica, elle ocupou o trono portuguez, e mandou assim em toda a peninsula. Dominando os Paizes Baixos, exercia o protetorado sobre as marjens do Reno. Governando Milão e as Duas Sicilias, era o arbitro supremo das nações da Italia. Ocupando o Franche Conté e o Roussillon, intervinha como senhor nos negocios da França. Toda a America Latina lhe pertencia, e as suas colonias, extendendo-se pelo Pacifico a fóra, e atravessando a India, faziam a completa volta do mundo. Era o tempo em que o velho orgulho castelhano apregoava nunca se pôr o sol sobre os seus dominios.

Os seus galeões traziam do Novo Mundo as riquezas fabulozas com que construiu o seu palacio gigantesco e organizou o exercito e a marinha mais poderozos de que até então havia noticia.

Arvorando-se em campeão da relijião catolica, detem em Lepanto a onda invazora do islamismo, devasta a ferro e fogo o protestantismo holandez, fomenta em França o Saint Barthelemy e ameaça a orgulhoza herezia britanica na sua propria ilha. Em nome da sua fé, acende por toda a Hespanha as fogueiras da inquizição, despedaça os velhos fóros de Aragão, aniquila os mouros em Granada, os hereticos em Valladolid, e pretende impôr leis ao

Sumo Pontifice. Colocando-se á frente do sopro mistico que reinava na Hespanha, é o grande protetor dos santos, que lá organizavam as ardentes lejiões da igreja triunfante: Santo Ignacio de Loyola, S. Tereza de Jesus, S. João de Deus.

Era a época dos grandes espiritos da cultura hespanhola. Eram hespanhoes os mais abalizados teologos e os mais temidos guerreiros. Brilhavam na arte Coello, Ribalta, Navarrete e Morales, os mestres de Ribera, de Murillo e do genial Velasquez. Nas letras fulguravam Garcilaso de Vega, Ercila, Hurtado de Mendoza, além do imortal Cervantes, que foi ferido em Lepanto, e de Lope de Vega, que fez parte da *Armada*.

Podia, com razão, dizer este ultimo, falando ao seu soberano:

El gran león de España
Que en tantos mares las guedejas baña
Cuya sangre teneis limpio en el pecho
De quién vive glorioso e satisfecho,
La vuestra propagando.

Infelizmente o proprio Felipe II contemplou em vida o lamentavel declinio desse esplendor. A sua *Armada* destruida, o seu exercito desmoralizado, os corsarios inglezes e holandezes insultando a sua glorioza bandeira no Pacifico, no Atlantico e no proprio Tejo, a revolta rebentando em todas as suas possessões, a Santa Sé ingrata aos sacrificios

do vencedor de Lepanto, os seus auxiliares divididos por lutas intestinas, as côrtes erguendo a voz para lhe mostrarem o dezastre financeiro do vasto imperio, por toda a parte a ruina, a traição, a derrota.

Combalido pela horrivel molestia que lho minava a existencia, apavorado pelo aspecto da bancarrota, que ameaçava a nação e a que não poderia fazer face a incapacidade do seu mediocre sucessor, elle chorou lagrimas amargas ao se fazer transportar em liteira, de Madrid ao Escurial, numa longa e dificil jornada de sete dias, para expirar no gigantesco solar das suas glorias passadas.

Aí, no atroz silencio dos ultimos dias, na recordação das suas grandezas mortas, na perspectiva dos dias sombrios rezervados á sua decendencia, nas horriveis duvidas que lhe assaltavam o espirito quanto á firmeza da sua fé e á justiça que lhe seria feita na outra vida, que cismar horrorozo foi o dos seus derradeiros dias naquelle pequeno apozento! Abatido, humilhado, deziludido, o cavaleiro andante da fé catolica morreu maldizendo dos seus passados sonhos. Como parece o seu fim com a lamentavel agonia do cavaleiro de Cervantes, que tão bem reprezenta o genio hespanhol, com os seus heroicos arranques para um idéal inacessivel e a quéda dezastroza ante as mizeras vulgaridades da vida. Como se lhe aplicariam bem as ultimas palavras do mizero D. Quixote: *Yo tiengo juicio ya libre y claro, sin las sombras caliginosas*

de la ignorancia... y no me pesa sino que este desengaño ha llegado tan tarde, que no me deja tiempo para hacer alguna recompensa...

*

* *

Voltando do Escurial, cheguei a Madrid, ao cair da tarde. Na Puerta del Sol estacionavam grupos dezocupados, de *sombrero* dezabado e capa traçada até a boca. Garbozos e altivos passavam oficiais, fardados, cadenciando o passo com uma bengala. Mendigos de todos os sexos e idades assaltavam os tranzeuntes, pedindo *una perra chica*. Os basbaques estacionavam nas vitrinas. Os vendedores de bilhetes de loterias apregoavam, em altas vozes, o sorteio de Natal. Pela calle Alcalá vinham carruajens luxuozas dos passeios elegantes de Recoletos ou do Bueno Retiro. E a população, sem pensar nas glorias passadas, consolava-se da fraqueza atual com a perspetiva da proxima *corrida de toros*...

Vieram-me, então, á memoria as crueis palavras de Milton, citadas por Macaulay, quando este compara a Hespanha de Felipe II com a do fim do seculo XVIII: *How art thou fallen from heaven, oh Lucifer son of the morning.*

Em Cintra

Ao viajante que sobe a serra de Cintra ferem em primeiro logar os deslumbrantes aspectos da natureza, celebrados por tantas gerações de poetas, em frazes já consagradas pela banalidade, entre as quais avulta o nunca assaz repetido *glorious eden* de Byron, graças ao qual os portuguezes puderam perdoar ao autor do *Childe Harold* as violentas invectivas atiradas sobre a nação.

A beleza e o colorido do arvoredo, a delicioza frescura dos bosques sombreados, a rudeza dos penhascos, o murmurio bucolico das aguas, a cintilação sumptuoza do céu, a vista que se espraia das altas serranias á planicie onde colêa a fita sinuoza das estradas e daí se estende até o oceano imenso, tudo isso impressiona o europeu do norte, pouco

habituado a estes aspectos meridionais, onde o sol gloriozo e rutilante transforma a natureza numa delirante orjia de luz e de côr.

A nós, brazileiros, cheia a retina das fortes imajens gravadas desde a infancia, a subida da maravilhoza encosta faz lembrar com saudades, a majestade do nosso sol, a beleza do nosso céu, a grandeza das nossas praias, a seiva triunfal das nossas florestas. Um frequentador da Tijuca revê, enternecido, em Cintra, os caminhos sombreados onde doidejam borboletas, as grandes arvores amigas onde cantam passaros, as penedias abruptas que se despenham pelos precipicios, a vista do mar que de espaço irrompe inesperadamente entre a verdura, e a frescura das fontes cuja surdina planjente acompanha sempre a vida da montanha.

A poezia que se exala de todo aquelle ambiente encheu-me a alma de um doce conforto. Deixei-me penetrar pelo sentimento comum a todos os brazileiros que pizam o sólo portuguez, onde vamos encontrar a imajem da patria, com todas as suas grandezas e defeitos, o seu lirismo sonhador, os seus arranques para o ideal, e as suas dezastrozas quedas no vacuo. E, á sombra daquellas olaias floridas, ao som daquelles regatos cantantes, evoquei os fantasmas do passado que me lembravam a mim, lonjinquo decendente daquelles rudes herois, as misteriozas raizes que me prendiam aos que ali viveram e lutaram.

*

* *

Naquellas penedias em cujo cimo aparecem as rendilhadas ruinas do Castelo dos Mouros, eu revia pelo pensamento as mesnadas de ricos homens, cavaleiros, escudeiros e pajens, chapeados de ferro, armados de pezados montantes, a investirem, truculentos e ferozes, contra a mourama maldita que negava o Deus dos Christãos e invadia o solo da patria para plantar uma civilização não compreendida pelos guerreiros de D. Affonso Henriques. Nesta luta heroica de duas fortes raças pelo predominio da sua estirpe e da sua fé, não se póde hoje dizer onde estavam os verdadeiros barbaros. Como quer que seja, os sarracenos vencidos deixaram na peninsula, com os progressos da sua cultura, um forte vestijio daquelle misteriozo Oriente, que bastou para encher de poezia as manifestações da arte portugueza, ainda hoje admirada nos proprios Paços de Cintra.

E continuam a surgir, animando o ambiente, as sombras do passado. Os reis que expulsaram os mouros e defenderam a patria das invazões castelhanas, os fidalgos que sustentaram o trono e o altar, os homens da Igreja que propagaram a fé, as damas da Côrte que davam uma vaga nota de poezia aos rudes embates daquelle tempo, e lá em baixo na antiga villa de S. Martinho a turba igno-

rada dos vilões apinhados em suas sordidas vivendas.

Quando a Renacença portugueza começou a insuflar na alma nacional o seu espirito vivificante, a explendida montanha se vai povoando de sombras mais suaves, que lutam contra a barbaria primitiva, cobrindo Cintra de belos edificios em que se afirma uma orientação artistica, enchendo as encostas de brilhantes companhias que celebram o apojeu da raça luzitana.

A primeira figura é de D. João I, o rei empreendedor e galante, o grande edificador dos Paços de Cintra, onde sonhava a conquista do Oriente, a descoberta de novos mundos, onde decidiu a tomada de Ceuta, o que o não impedia de florear com as damas do Paço, si é verdadeira a anedota da Sala das Pêgas. Quantas vezes, das eminencias de onde se avista o mar, não teria cismado o rei nas enterprezas gloriozas que dilataram pelos oceanos afóra o nome portuguez. E pelas salas do Paço, como uma suave evocação do passado, desliza a figura da rainha D. Philippa, personificação de graça e de bondade, naquelle meio em que já vinham á tona os vicios da Renacença.

Vem depois, D. Duarte, o rei poeta, D. Affonso V, celebrando tristemente o seu reinado com a trajedia de Alfarrobeira, D. João II, o Principe Perfeito, e o Infante D. Henrique, que sem ocupar o trono, encetou em Sagres a ouzada cavalaria do mar. Todas estas figuras formam a aurora da brilhante epoca manuelina, creadora de novas vidas, pelas gentes remotas que trouxe á tona da historia.

E' o periodo de D. Manoel, o Venturozo, o explendido dezabrolhar da Renacença portugueza. E' a abertura de novos caminhos ao mundo, a aproximação de porções da humanidade que até então se desconheciam, a entrada em circulação de novos fatores economicos, a riqueza que os galeões traziam ao velho mundo. E' a florecencia da arte, com o exuberante estilo manuelino, onde a severidade das linhas goticas é sufocada pelos desmedidos sonhos islamitas, de envolta com as reminicencias tumultuozas das terras de além mar. São os classicos quinhentistas, onde brilham Garcia de Rezende, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Gil Vicente. E' a epoca das festas do Paço, as dansas, a muzica, as comedias, os torneios de espirito. E' o periodo dos grandes guerreiros e dos grandes navegantes. O Paço de Cintra alargou-se e embelezou-se, desde as exoticas chaminés da sua cozinha pantagruelica, atá a glorioza Sala dos Brazões onde palpita toda a heraldica da fidalguia portugueza. Ai atinjiu Portugal o maximo da sua grandeza no mundo. Dai em diante começa o declinio.

Embora D. João III, tenha uma côrte ainda brilhante, já se entreveem os sinais da decadencia. Ha ainda escritores como Moraes e João de Barros, e surje pela primeira vez o nome de Camões. As festas da côrte, sob a direção da rainha D. Catharina, procuram ter o esplendor antigo. Os poetas palacianos trocam ainda espirito com as damas da côrte, onde brilham a Infanta D. Maria, Joanna Vaz, Luiza Sigéa, e a filha de Gil Vicente, a Tanjedora.

*

Mas já começava a dominar a intranzijencia de uma côrte devota. Já os fidalgos, imitando o rei, deixavam de se vestir á flamenga, e tornavam aos trajes sombrios da antiga moda portugueza. Era a epoca em que D. João de Castro cortava com uma tezoura as roupas de gala de seu filho, e na sua quinta de Penha Verde, arrancava as arvores frutiferas para plantar arvoredos estereis, «quiçá mostrando que servia tão dezinteressadamente que nem da terra que agricultava esperava paga de beneficio». Era a epoca em que Frei Bartolomeu dos Martires, hospedado no Vaticano, em pleno brilho da Renacença italiana, censurava ao Papa o luxo das construcções, das alfaias e dos jardins, e tamanho desprezo tinha pela arte que proíbia ao Padre Frei João, construtor de um convento em Vianna, que «com o seu animo grandiozo excedesse a mediocridade» lembrando-lhe, como um pecado mortal, ter sido o mesmo desde menino criado debaixo das abobadas da Batalha, «pelo que tem a imajinativa toda inficionada e transformada em arquiteturas magnificas». Estes dois tipos reprezentativos do Portugal de então dão a medida do espirito dominante.

O louco heroismo de D. Sebastião, num arranque histerico e quixotesco, abre um momento uma brecha para o ideal, a conquista do Oriente, a guerra de cavalaria, o impulso fremente contra o desconhecido. O dezastre de Alcacer Quibir sepultou em seus escombros toda esta brilhante ajitação, assim como toda a pompa glorioza do seculo manuelino,

deixando apenas na alma popular a candida flôr do sebastianismo, triste e saudozo rebento do ideal que dezaparecera.

Rezumindo gloriozamente todo o periodo, o genio de Camões encarnou a pujança do povo, e deixou no seu poema o traço luminozo do espirito latino, no heroismo ardente, na beleza da fórma, no culto dos ideais classicos, na aspiração indomita para o ignoto, na ardentia meridional do sensualismo.

Depois vem a ruina e a morte. O solerte Felipe II, do seu tenebrozo Escurial, assistia atento ao dezastre, para aproveitar o momento em que poude pregar, como um cartaz, na terra luzitana, o seu dito insolente: *Portugal es mio: lo heredé, lo conquisté, lo compré.*

Reanima-se depois o patriotismo portuguez, expulsam-se os uzurpadores, recomeça para o reino uma nova vida. Mas o bom gosto havia dezaparecido. Os reis pouco vem a Cintra. Apenas o lugubre martirio de D. Affonso VI é a sombra trajica que aparece, nos seus interminaveis passeios pelo quarto em que esteve prezo nove anos. Passa fujidio o vulto de Pombal, deixando como recordação, em Cintra, as ridiculas restaurações do Paço, e a mutilação do tecto dos Brazões para apagar as armas dos Tavoras. Um momento rebrilham os salões de Cintra com os serões muzicais de D. Maria I. Logo depois a infeliz rainha, entre gritos lancinantes de loucura, deixava Portugal, para, fujindo a Napoleão, acompanhar ao Brazil o Principe Rejente, inconcientes

ambos da nova nação que devia surjir, destinada a continuar a raça pelos seculos adiante.

E calaram-se muito tempo os écos de Cintra, até a epoca de D. Fernando, o principe artista, que ali fez construir uma explendida vivenda real. Em nossos dias aparece a gentil figura de D. Amelia, a rainha martir, cuja alma artistica tanto anima aquelles sitios, e cujo belo gesto, morto ao seu lado o espozo, fez do seu corpo escudo para proteger o filho, defendendo-se da furia dos assassinos com um ramo de flores que trazia na mão.

*

* *

As reminicencias historicas e literarias, mais que as belezas naturais, me fizeram cismar docemente ao percorrer as salas do Paço, as ruinas do Castelo, os bosques seculares.

Recordando epizodios dos *Maias* ali mesmo passados, eu pensava no Portugal novo que reponta, fazendo resurjir o gosto e lutando contra a barbaria antiga.

A comunhão de aspirações e tradições, a semelhança dos sitios, fundia em um só sentimento a saudade da patria e o amor por aquelle deliciozo recanto, sob a glorioza caricia de um céu azul como o nosso.

Guglielmo Ferrero

Um dos maiores acontecimentos literarios parizienses do ano que findou foi a série de conferencias que sobre *Augusto e sua epoca* fez no Colejio de França o ilustre historiador italiano G. Ferrero.

A reputação universal do notavel genro de Lombroso, a corrente de simpatia que nos ultimos tempos tem renacido entre a França e a Italia, a curiozidade intelijente da parte do publico pariziense que se ocupa a serio de coizas intelectuais, o snobismo refinado e elegante da outra parte do mesmo publico, tudo concorreu para o sucesso colossal das conferencias.

O anfiteatro n.° 8, o maior do Colejio de França, cuja capacidade é calculada para seiscentas

pessoas, ficava literalmente apinhado de gente, homens, senhoras e crianças, além da que se juntava fóra das portas fechadas, nos corredores e até no pateo, para nada ver, nada ouvir, e contentar-se com a vaga esperança de apanhar um problematico logar, e com o prazer de finjir á saída que vinha da conferencia de Monsieur Ferrero.

As conferencias, que eram duas por semana, anunciavam-se para as trez horas da tarde. Quem, porém, não estivesse no Colejio de França antes das duas horas, corria serio risco de não poder entrar na sala, já completamente repleta. Pela praça em que está o edificio, e adiante por um grande trecho do Boulevard S. Michel, alinhavam-se carruajens de luxo e automoveis particulares, como si se tratasse da *prémière* de uma peça da moda, em um teatro mundano. O *Figaro* chegou a lembrar os bons tempos do famozo curso de Caro, sobre a filozofia espiritualista.

As personajens mais em evidencia da sociedade pariziense acotovelavam-se na sala, e não desdenhavam compartir com o modesto publico os bancos de madeira do auditorio, quando não logravam encontrar uma cadeira nos logares rezervados, ou no famozo hemiciclo, que, atraz da cadeira do professor, se destina ás pessoas de nota.

*

* *

O Snr. Ferrero, moço ainda, é alto, magro, angulozo, lijeiramente alourado, um pouco esquerdo em uma dezelegante sobrecazaca, que lhe dá uns ares de joven *clergyman*, de olhar firme e intelijente, boca enerjica e mal disfarçada sob um fino bigode caído. Lia nas conferencias capitulos da tradução do seu livro sobre a *Grandeza e Decadencia de Roma*, os quais provavelmente formarão o 5.º volume da edição franceza, da qual em fins do ano passado, foi publicado o 4.º volume sobre *Antonio e Cleopatra*.

Lê admiravelmente as folhas de papel que lhe passam pelas mãos, sem que se lhe perceba o movimento do olhar; interrompe a leitura com observações interessantes e a explicação de trechos documentares, previamente escritos no quadro preto; arrisca, de quando em quando, a sua fraze malicioza, e ao dezenvolver uma generalização, ao descrever um carater, ao evocar a fizionomia de uma epoca, eleva-se a uma eloquencia sobria e mascula, que arrasta o auditorio, forçando a interrução com prolongadas palmas. Fala correntemente o francez, embora com o sutaque fortemente acentuado dos italianos do Norte.

Uma vez, ao citar um trecho latino, descul-

pou-se de pronuncial-o á italiana e não á franceza, porque, segundo elle, já era bastante *écorcher le français en français*. Não precizava fazel-o ainda, falando latim.

Continuador da grande tradição de Niehebur e Mommsen, o sabio italiano, aplicando a historia o metodo comparativo, bazeado nos textos contemporaneos, que domina com uma poderoza erudição, reviveu, nas suas conferencias, a figura de Augusto, o seu aparecimento na sociedade romana, os acontecimentos que o levaram a ser o aliado e depois o rival de Antonio, as consequencias da batalha de Actium, da qual surjiu o futuro senhor de Roma, «altivo, heroico, salvando o mundo civilizado da escravidão oriental».

*

* *

Como ficou bem dezenhado o tipo fizico do estadista romano, envelhecido aos 36 anos, fraco e curvado, sofrendo do figado, receiando afrontar o sol e a chuva, transportando-se em liteira aos campos de batalha por medo de montar a cavalo, e de inexpressiva fizionomia relativamente ás fortes qualidades da sua envergadura moral! Como foi bem acentuado o seu espirito, sereno, firme, empreendedor, um pouco dissimulado, mas fortemente com-

penetrado da altura da sua missão no mundo! Ao ouvir o historiador italiano, parecia-me estar transportado ao seculo I da era cristã, e ver, tal era o poder evocativo da sua palavra, desfilarem patricios e proconsules, milicianos e plebeus, efetuando o grande acontecimento historico, que foi a reforma da constituição romana, sob Augusto.

A lição majistral sobre a «função economica da Galia» foi um prodijio. Mostrou-nos como os artigos de luxo e de uzo domestico, de que se serviam os romanos, inhabeis para manufatural-os, vinham da Siria, da Grecia e do Ejito, excessivamente onerados com as despezas de transporte, por tal fórma, que a Republica teve, varias vezes, que promulgar leis suntuarias para lhes coíbir o uzo, tão pezado se tornava mesmo ás familias patricias. Entretanto, conquistada a Galia, levado lá o conhecimento dos artefatos do Oriente pelas lejiões romanas, começaram os operarios gaulezes a imital-os, e depois a produzil-os melhor, inundando a Italia de artigos mais baratos e de mais gosto, que chegaram ao alcance das proprias populações plebeas. Assim, concluiu maliciozamente o professor italiano, tirava a França, com 20 seculos de antecedencia, uma desforra previa do *Made in Germany!* E tudo isso, documentado com textos, com reminicencias arqueologicas, com indicações de objetos em muzeus e nas ruinas de Roma e de Pompeia. Ao velho economista Levasseur, director do Colejio de França, ouvi que dizia a um amigo, ao saír desta conferencia: *Est-ce*

de l'economie, est-ce de l'histoire, est-ce de la philosophie, est-ce de l'art? On ne sait plus!

Em diverjencia completa com todos os historiadores que o precederam, o Sr. Ferrero nega que a reforma constitucional de Augusto fosse um embuste para o estabelecimento da monarquia, ao serviço excluzivo da sua ambição pessoal. Descreve o estado da sociedade romana, salva da anarquia cezariana e da submissão ao Oriente pelo vencedor de Antonio e de Cleopatra; compara Augusto e Bonaparte, ambos vindo do Ejito para assumir o governo do mundo, mas com as duas grandes diferenças, de não ser o primeiro um militar de profissão que vivesse sómente pelo prestijio da soldadesca, e de ser a velha aristocracia romana um corpo muito mais forte e compacto do que os afeminados *Incroyables* do tempo do Diretorio. Em suma, a reforma do ano 72 não foi um 18 Brumario.

Anceiando a sociedade romana pela volta ás antigas tradições do patriciado, receiando tanto a demagojia tribunicia como a caudilhagem pretoriana, lançou as vistas para as grandes familias, e dellas não podia deixar de destacar o filho de Cezar, e vencedor de Actium, como o homem necessario. Que Augusto aceitou o poder a contragosto, provam-no textos de escritores contemporaneos, alguns dos quais seus desafetos. A fórma de governo então adotada era uma especie de republica aristocratica, com um chefe supremo (*Princeps*), que o Sr. Ferrero traduz por *prezidente* e não por *principe*, nome

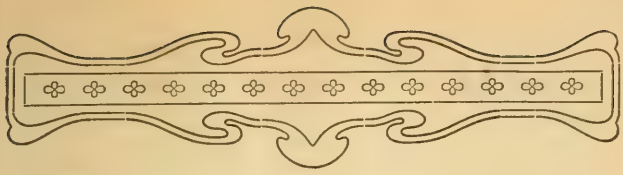
que apareceu depois aplicado a outras funções, e um Senado composto da velha nobreza romana. Nunca Augusto se considerou um monarca incondicional, á moda do Oriente, figura que sómente dois seculos depois os generais romanos trouxeram das campanhas em que se aclamaram imperadores, mas, pelo contrario, um alto majistrado, investido pelo voto nacional do supremo mando, e encarregado de realizar perante o mundo a alta missão que estava rezervada ao seu paiz.

E, assim, durante um mez, o ilustre historiador trouxe o seu numerozo auditorio sob a influencia da sua palavra eloquente, aprezentando uma concepção da epoca de Augusto radicalmente diversa da que até agora era recebida em todas as versões classicas da historia romana. A demonstração é tão solida, brilhante e documentada, que parece destinada a fixar definitivamente este ponto pouco conhecido da historia.

Corria em Pariz que, acedendo ao convite do diretor da *Nacion*, o ilustre historiador italiano devia, este ano, fazer uma serie de conferencias em Buenos Aires.

Porque não promovem os nossos intelectuais a ideia de pedir ao Sr. Ferrero que, fazendo uma pequena escala pelo Rio de Janeiro, nos proporcione o encanto de ouvil-o? Quero crêr que isso não será muito dificil.

Estas linhas foram publicadas no «Paiz», em Fevereiro de 1907.



Gastão Boissier

A morte do fino escritor que a França acaba de perder enche de luto os amigos do bom gosto na erudição.

São os historiadores de profissão, na maioria dos cazos, uns pezados sabios, recheiados de ciencia e eriçados de textos, que nos forçam a acompanhal-os nas suas excursões, e de picareta em punho, vivem a escavar o passado, atirando-nos indistintamente tudo o que vão retirando das ruinas, joias preciozas de envolta com imprestaveis detritos, e pretendendo nos impôr as coizas mortas que soterram de sob o vasto estendal de esquecimento, sem nos permitirem que destaquemos de sob as ruinas alguns veios de poezia em que possamos reviver ao

nosso modo o que nós amamos no passado que elles estudam.

Em se tratando de antiguidade classica, o cazo dos historiadores dejenera em verdadeira tirania. Quem não terá recuado muitas vezes ante o pezado amalgama de textos gregos ou latinos com que alguns historiadores tornam rebarbativo e arido o estudo de qualquer epoca da historia grega ou romana? Afinal, aturdidos por tanta erudição, acabamos capitulando, e, abdicada a nossa liberdade, seguimos o facundo historiador com a mesma rezignada passividade de um bando de inglezes confiado aos solicitos cuidados de um empregado da ajencia Cook.

Com Boissier a historia era coiza muito diversa. O seu espirito encantador não dava treguas ao seco pedantismo dos historiadores sem ideal, e todas as suas obras historicas poderiam tomar o titulo feliz que o seu autor escolheu para algumas dellas: são verdadeiros *passeios arqueolojicos* atravez da antiguidade, em que o leitor, sob a direção de um *cicerone* erudito e amavel, divaga pelo passado, meditando na beleza das eras dezaparecidas, comparando-as com as de hoje, detendo-se livremente ante as ruinas de um templo, os fragmentos de uma estatua, ou um distico latino encontrado num abandonado *columbarium*.

*

* *

Elegante, comedido e sobrio, o velho historiador nos fazia saborear a poezia do passado, e joeirava a sua vastissima erudição sob uma fórma tão sutil que parecia imponderavel, para reviver com extraordinaria graça a vida dos grandes vultos da civilização romana, dando-nos admiraveis quadros que empolgam o espirito e nunca se poderão esquecer.

Sirva de exemplo o belo perfil de Cicero, atravez das suas crizes domesticas e financeiras, dezenvolvendo a sua extraordinaria argucia para vencer, emaranhando a sorte da republica nas solertes malhas da sua dialetica, e, maravilhoza fuzão de epicurismo com estoicismo, redimindo as suas culpas pela morte glorioza que é objeto de uma das mais belas pajinas de Gastão Boissier.

As suas duas obras fundamentais, a *Religião dos Romanos* e *O Fim do Paganismo* oferecem soberbas descrições da grande luta entre os Deuzes, cujo crepusculo começava, e a nova crença que surjia para mudar a face do mundo. O seculo de Augusto, a apoteóze imperial com todos os seus figurantes, guerreiros ou poetas, e a explendida florecencia do imperio romano atravez do mundo conhecido, são evocados por fórma tão enerjica,

que as velhas instituições, as ceremonias relijiozas, os textos lejislativos, os escritos dos contemporaneos, as obras de arte, todos concorrem para formar uma vasta sinteze da civilização latina, reprezentante suprema do ideal pagão, em toda a sua pujança.

Ao mesmo tempo, Boissier descreve com incomparavel firmeza de traços, a corrente cristã, vinda dos lonjinquos misterios do Oriente onde passou despercebida aos lejionarios romanos, conseguindo acordar as velhas relijiões adormecidas, para atravessar o Mediterraneo, infiltrar-se em Roma, conquistar Bizancio, levantar o Oriente contra o Ocidente, e adaptando a velha cultura latina á eloquencia dos seus sectarios, chegar com Constantino a ser proclamada como relijião quazi oficial. O caminho percorrido pelo Cristianismo, desde os tempos em que humildemente se escondia nas catacumbas da Via Appia, até triunfar no edito de Milão é admiravelmente narrado. E entre o mundo que dezaparecia e o que surjia destaca-se a figura gigantesca do imperador Juliano, ultimo sobrevivente do paganismo, mas penetrado do encanto da crença que nacia, refletindo assim no seu espirito a luta trajica que então se travava no mundo entre os dois ideais relijiozos.

As suas reminicencias arqueolojicas, de Roma a Napoles, reproduzem deliciozamente o aspecto melancolico das ruinas que em toda a peninsula italica semeiam a memoria dos gloriozos povoadores do

Latium, que transmitiram ao mais remoto futuro a divina centelha do helenismo. Ou revivam o grandiozo aspecto do Forum, ou acompanhem as investigações sobre o Palatino, ou nos transportem á majestoza poezia da Vila Adriana, ou nos iniciem nos misterios das Catacumbas, os *Passeios Arqueolojicos* são a melhor guia que se póde dezejar para estudar, de perto ou de lonje, as antiguidades romanas. O carinho com que elle estuda as figuras de Horacio e de Virgilio, especialmente deste ultimo, revelam um espirito fortemente erudito, e um temperamento penetrado de suave poezia. Elle é um dos poucos sobreviventes daquella geração de humanistas francezes, educados por Cousin, que fizeram da cultura classica a baze da cultura literaria e formaram o bom gosto no versar amorozo dos poetas gregos e latinos.

Como Cousin votava um amor postumo e retrospectivo a Madame de Longueville, Gastão Boissier dedicou á memoria de Madame de Sevigné, por quem confessava um certo fraco de velho, o mais formozo livro que ella inspirou. O seu livro sobre Saint Simon, outro passeio arqueolojico pelo seculo de Luiz XIV, atravez das Memorias do famozo Duque, é um deliciozo estudo em que a historia, a literatura e a anedota, entram em partes iguais para prender a atenção áquellas pajinas, que só se lamenta serem tão poucas.

*

*

* *

A simpatia despertada pelo velho escritor que dezaparece é compartida por quantos o leram. Elle nunca aspirou a popularidade ruidoza, nem pretendeu os postos mais em evidencia. A sua cadeira de professor, os trabalhos da Academia Franceza de que era secretario e em cujo palacio morava, e os seus queridos estudos de historia, eram-lhe a unica preocupação da vida.

No inverno de 1906 a idade avançada forçou-o a deixar a sua cadeira da Sorbona para se dedicar excluzivamente aos seus trabalhos de gabinete. A primeira vez que, dias depois, apareceu em publico foi no Colejio de França por ocazião da abertura das conferencias de Guglielmo Ferrero. Tive então a fortuna de assistir á tocante manifestação de que foi alvo.

O anfiteatro n.º 8, a mesma celebre sala onde falava Renan, regorjitava de gente, vinda de todos os cantos de Pariz para ouvir o historiador italiano. A alta e baixa literatura, as rodas mundanas com todo o sequito dos grandes nomes de França, o mundo politico, as colonias extranjeiras, e o bairro latino estavam fartamente reprezentados. Toda esta multidão, apertada no vasto anfiteatro, esperava, ávida de curiozidade, o momento em que subisse á

cadeira o conferente, cuja vinda a Pariz era o grande acontecimento do dia.

O hemiciclo rezervado, atraz da cadeira, aos professores e convidados, foi pouco a pouco se enchendo de personajens conhecidas no mundo pariziense. Por ultimo e pouco antes de Ferrero, aparece a figura de Gastão Boissier, rizonho e bondozo, aureolado pelos seus cabelos brancos, e um pouco curvado no andar. Ao reconhecel-o, todo o auditorio levantou-se, vibrando subitamente em forte e espontaneo sentimento de indiscritivel simpatia. Ouviram-se aclamações e rezoaram estrepitozas palmas, que se prolongaram durante cerca de cinco minutos. Ferrero, associando-se á manifestação, abraçou Boissier a quem chamou seu caro mestre. Cercado de todos os professores que ali se achavam, o simpatico velho agradecia as aclamações, e nos seus olhos, onde brilhavam lagrimas, lia-se a expressão de uma comoção sincera e despretencioza.

Foi este o espirito encantador e honesto, que acaba de dezaparecer. A sua obra, delicada e profunda, perdurará sempre entre os primores da lingua franceza, e o seu nome nunca se apagará da memoria dos que prezam o bom gosto e se comprazem no cultivo das coizas inteletuais.

O espirito latino

Quando no magnifico cenario do palacio Monro rezoaram as fortes e sujestivas palavras de Ferrero, perpassou pelo auditorio um fremito salutar e rejuvenecedor. Estamos tão acostumados a ouvir celebrar a inferioridade, a decadencia, o aniquilamento da malsinada raça latina, que respiramos largamente ao ouvirmos um dos mais cultos espiritos da Europa moderna, um dos homens reprezentativos da raça, apregoar com altiva enerjia as qualidades superiores dos latinos.

Na primeira das suas conferencias, procurou Ferrero demonstrar qual o palpitante interesse que para todos os latinos tem a grande obra por elle empreendida. Numa época em que a libra esterlina e o seu filho o *dollar*, concentram o resto das

enerjias que os canhões *Krupp* ainda não varreram, não ha remedio mais salutar para os decendentes do *Latium*, do que lhes refazer a historia da mãi commum, e lhes repetir a glorioza épopéa do povo extraordinario que atirou aos confins do mundo inteiro as sementes da humilde planta nacida á sombra das colinas sagradas de Roma. Recordar o antigo tronco, repor novamente em discussão os grandes momentos da vida romana, é insuflar no espirito dos lonjinquos decendentes que somos, a enerjia de que necessitamos para suportar o embate das raças supostas mais fortes. E' este o alto papel moral da obra de Ferrero, que deve ser amado cordialmente por todos os que têm conciencia de que lhes corre nas veias algo de sangue latino.

Foi por isso que ao ouvir o grande historiador italiano afirmar o gloriozo passado latino e o brilhante futuro rezervado aos que lhe continuam a tradição, na mesma sala em que, um ano antes, tão proeminente papel foi dezempenhado pelos emissarios do *big stick*, senti que os velhos deuses do *Latium* que animam o espirito de todos nós, reviviam do seu morto passado e projetavam a sua sombra sobre a fronte inspirada do filho da Italia que nos falava.

*

* *

Não que eu creia na absoluta irredutibilidade das raças humanas, as quais á tona das grandes correntes historicas se vão mutuamente penetrando, absorvendo e destruindo, ao ponto de, por fim, fazerem o amalgama indispensavel ao evolver da vida dos povos. Falando em nome da America do Sul, em um Congresso que se reuniu no Capitolio de Roma, já o nosso luminozo Graça Aranha demonstrou que a raça latina européa é uma fuzão de raças caldeadas, e que sómente a nós, sul-americanos, compete a tarefa, glorioza e perigoza, de sustentar para o futuro o grande patrimonio greco-latino. E no mesmo edificio em que falava o escritor brazileiro, a bela estatua do gaulez moribundo no meio da serena impassibilidade dos deuses do paganismo, demonstrava que os barbaros, vencedores ou vencidos, misturaram a enerjia da sua alma e do seu sangue, com a cultura superior do helenismo, para produzirem no futuro os explendores da civilização a que hoje chamamos latina.

Si porém não ha nas raças a rigoroza distinção que se apregoa, ha a essencia divina do helenismo, transmitida pelos romanos ao custo de rudes combates contra os barbaros de todas as raças, e caida depois nas mãos dos Celtas, que os legaram ás raças

hoje dominantes e por dominar. E' este espirito que fórma o genio latino, lentamente creado pela longa estratificação dos seculos, e que dificilmente póde ser assimilado pelos decendentes dos barbaros que antigamente o combateram. O arranque destemido para o ideal, a delicioza contemplação da beleza imortal, sem a preocupação das cauzas, o *slancio* sublime para tudo o que é generozo, cavaleiresco e gloriozo, sem as exijencias da materialidade da vida e atravez de todos os perigos, é o que constitue este iniludivel espirito, que tem enchido a historia de pajinas gloriozas, as mais belas que quaisquer outras raças possam ter produzido.

Quem quer que sinta pulsar nas veias um pouco de sangue ciltiberico, não poude deixar de applaudir vivamente a evocação majistral, com que Ferrero apontou a velha metropole, cujas gloriozas ruinas se reveem no flavo Tibre, resurjindo, majestoza nas lonjinquas aglomerações de povos, que além do Atlantico lhe continuam a brilhante missão historica. Podem os teutonicos e anglo-saxões chasquear á vontade do nosso sentimentalismo, da nossa imajinação, do nosso *emballement*. Quando pensamos que tão exuberantes qualidades fizeram a arte grega, deram ao mundo o imperio romano, o Cristianismo, as Cruzadas, a Renacença, e armaram a ouzada cavalaria do mar, que desvendou ao mundo o continente que habitamos, podemos sorrir com orgulho dos reproches que se nos faz em nome da reflexão.

*

* *

Por isso mesmo, porém, que temos um heroico passado a nos fortificar com sua sombra vivificante, é que devemos aproveitar das outras raças o que ellas possam ter de apreciavel, mesmo aquillo que, saido da nossa, foi por ellas melhor aproveitado do que o houveramos feito.

Este espirito analitico dos alemães e este empirismo dos inglezes revelam o predominio da reflexão sobre as faculdades imajinativas. Será, se quizerem, a humilde lembrança da materia ás pompas brilhantes do espirito, a modesta advertencia de Sancho ás divagações dezenfreiadas do cavaleiro da Mancha. Nem por isso deixam de ser apreciaveis e tendentes a completar as falhas do nosso caracter.

E' porque o equilibrio da cultura humana é formado pela reunião das qualidades essenciais do espirito, não se póde formar uma boa sinteze, sem ter completado todos os elementos da analize. As generalizações apressadas, a ancia de concluir depressa para achar uma solução que concilie o maior numero de coizas, si por um lado corresponde á mais cara das tendencias latinas, por outro lado é a morte das filozofias geradoras sem a baze segura da analize.

Si me fosse permittido arriscar uma timida obje-

ção ao pensador que nos está deslumbrando com o seu poderozo espirito e encantando com a sua cativante pessoa, eu ouzaria perguntar como se póde considerar destituida de espirito sintetico a nação que produziu Leibnitz e Kant, Goethe e Schopenhauer, Hegel e Nietzche. Si se considera a filozofia como a mais lidima expressão da sinteze, onde se aninha o pensamento filozofico moderno, em cujo nome fala o proprio Ferrero, sinão nas grandiozas concepções do mundo deixadas pelos gregos e diciplinadas pelos pensadores alemães?

Tirante a lojica geometrica de Descartes que para se transformar em uma concepção do universo precizou ser remodelada pelo judeu Spinoza, e a timida filozofia sem cauzas primeiras de Augusto Comte, que sintezes filozoficas produziu a França que possam contrastar a pujança do panteismo helenico revivido pela Alemanha? Essencialmente destrutiva, a obra da enciclopedia não foi de sinteze, pois aplicou-se em derrubar o mundo antigo e lançar as bazes de uma nova organização que hoje está em vesperas de ser destruida, antes de ter conseguido a sua completa florecencia.

E particularizando o cazo, não sei até que ponto se poderá dizer que a Mommsen faltava a sinteze, quando o sabio alemão, embora subordinando a sua concepção ao conceito da *Grosse Vaterland* sonhado então pelos seus compatriotas, nem por isso deixou de esboçar um conceito sintetico de Roma, embora incompleto por lhe não haverem permitido

os excessos da sua analize, embora falso como tem brilhantemente demonstrado Guglielmo Ferrero.

O que faltava a Mommsen é o que explendidamente sobeja no pensador que hoje está refazendo aos nossos olhos a historia de Roma. E' a divina e generoza centelha de ideal, que anima os textos amarelecidos, perlustra os velhos monumentos em ruinas, adivinha a psicolojia dos homens dezaparecidos, revive o espirito das gerações mortas, e evocando com admiravel precizão os tempos idos, projeta as luzes do prezente sobre os abismos calijinozos de um passado que supunhamos definitivamente classificado.

Eis porque a sinteze de Mommsen, de uma erudição profunda mas fria, mostra-nos a Roma antiga, sob a aparencia artificial de uma planta preparada pelo herbanario. Ao passo que a Roma descrita por Ferrero, é a arvore glorioza e secular, cheia de vida e de amor, que mergulhando as suas raizes no mais fujidio passado, ostenta ainda hoje toda a seiva enerjica, vivificante que nos cria e alimenta.

E' ainda esta uma das mais vibrantes manifestações deste gloriozo espirito latino, de que nos falou com tanta superioridade o grande escritor da *Grandeza e Decadencia de Roma.*

INDICE

	Pag.
As duas marjens do Sena	9
O lago de Genebra	17
O monte Cervino	25
As duas Alemanhas	33
Sans-Souci	41
Em Bayreuth	49
O dia de um doente em Karlsbad	61
Schœnbrunn	69
A Cidade do Sonho	77
Diante da Ceia de Leonardo	85
Na Praça da Senhoria	93
A caza de Dante	101
O carvalho de Tasso	111
O tumulo de Virgilio	119
A poezia da bruma	127
No Escurial	135
Em Cintra	143
Guglielmo Ferrero	151
Gastão Boissier	159
O espirito latino	167

University of British Columbia Library
DUE DATE

University of British Columbia Library

DUE DATE

FORM 310

UNIVERSITY OF B.C. LIBRARY
3 9424 01113 5537

DISCARD